



Fundador - J.B Wolf

The Bard News®



Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. I / Jornal No. 3, SETEMBRO 12, 2025



**Sua marca aqui**

Anuncie Aqui
[Clique Aqui](#)

 Brasília - DF

O segredo da felicidade na adolescência

UMA FASE DE AUTODESCOBERTA E CRESCIMENTO

Por Cláudia Faggi
COLUNISTA

Não compartilha jornada pessoal após confissão do filho adolescente sobre infelicidade, revelando 7 estratégias fundamentais para cultivar bem-estar emocional na adolescência através de relacionamentos saudáveis, autocuidado e autocompaixão.

Leia Mais Pag A19

A ciência da gratidão:

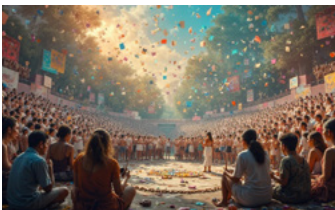
PEQUENAS PRÁTICAS QUE TRANSFORMAM O DIA A DIA.

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Pesquisas científicas revelam como a prática regular da gratidão ativa o sistema de recompensa cerebral, liberando hormônios da felicidade e transformando relacionamentos, saúde mental e física através de mecanismos neurológicos comprovados.

Leia Mais Page A18

CULTURA



Pluralidade de Ideias:

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Manifesto cultural defende que a verdadeira cultura floresce na fricção de ideias divergentes,

Leia Mais Pag A11

A Cultura e suas dimensões

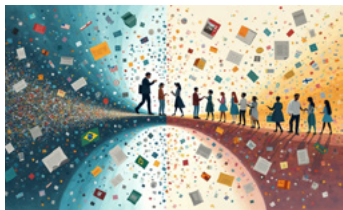


Por Beth Baltar
COLUNISTA

O termo cultura vem sendo discutido nas mais diversas áreas do conhecimento e em diversos setores da sociedade, ao longo de sua história. Originalmente, o termo cultura nasce do latim colere utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. Na Antiguidade, foi usada pela primeira vez, no sentido de descrever, numa visão filosófica, a formação do homem enquanto agente no mundo à procura do autoconhecimento e de sua relação com os ofícios, artes e expressões sociais.

Leia Mais Pag A10

COMPORTAMENTO



Linguagem Simples:

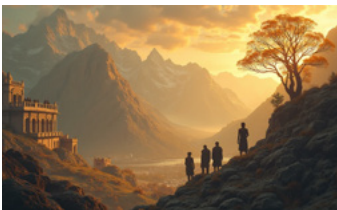
Agilidade ou rebaixamento da comunicação?

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Movimento global pela linguagem simples ganha força com leis nos EUA e Brasil, provando que comunicação clara não empobrece conteúdo, mas democratiza acesso à informação e fortalece cidadania através de técnicas específicas de clareza textual.

Leia Mais Pag A18

LITERATURA



Vozes das Montanhas:

Literatura Albanesa em Foco

Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Literatura albanesa emerge como território de resistência cultural, revelando vozes plurais que transformaram séculos de ocupação e ditadura em arte universal, desafiando o cânone literário mundial dominado pelas grandes potências através de autores como Ismail Kadare e uma nova geração de escritores.

Leia Mais Pag A7

FILOSOFIA



O Cristianismo e a Filosofia

Na Formação do Pensamento Científico e Filosófico Atual

Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Análise histórica revela como cristianismo e filosofia, longe de serem antagonísticos, construíram juntos os alicerces do pensamento científico moderno através de figuras como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, influenciando até debates éticos contemporâneos sobre IA e biotecnologia.

Leia Mais Pag A16

Entre Aprender e Entreter

A TRANSFORMAÇÃO DA LITERATURA

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Ensaio crítico analisa como a obsessão contemporânea pela utilidade pragmática tem relegado a literatura ficcional a papel secundário, transformando o ato de ler em prática meramente funcional dominada por livros de autoajuda, enquanto defende o resgate da literatura como entretenimento que ensina através da experiência estética e emocional.

Leia Mais Pag A6



Invasão Japonesa

Na Coreia e sua retomada em K-Dramas Históricos

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

No 80º aniversário da Libertação Coreana, análise revela como K-dramas históricos transformaram-se em ferramenta de soft power para contar ao mundo os traumas da ocupação japonesa (1910-1945) e honrar a resistência nacional através do entretenimento global.

Leia Mais Pag A13

LITERATURA

Redenção Pela Leitura: Como Livros Mudam Destinos

Descubra o poder transformador dos livros como ferramenta de cura, resistência e reconstrução pessoal

Pag A8

FILOSOFIA

O Sentido da Vida: Grandes Filósofos Respondem à Pergunta Fundamental

Análise filosófica percorre as principais respostas à pergunta fundamental sobre o sentido da vida,

Pag A17

EDUCAÇÃO

Três Faces do Analfabetismo: Tradicional, Funcional e Digital no Brasil

Análise dos desafios educacionais contemporâneos e caminhos para uma sociedade mais inclusiva

Pag A15

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





Clarice Lispector:

A Revolução Silenciosa da Linguagem



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/09/2025"

LITERATURA - Leia no site

POR
The Bard News, Redação



Existe um momento na história da literatura brasileira que pode ser definido como um divisor de águas silencioso, mas definitivo. Foi quando uma jovem de 23 anos publicou "Perto do Coração Selvagem", em 1943, e mudou para sempre o que entendíamos por prosa em português. Clarice Lispector não chegou fazendo barulho - ela chegou transformando a própria linguagem.

Em frases como "Ela amava o mundo, amava as coisas feitas. Amava de um modo doloroso, tentando compreender", de "Laços de Família", encontramos a essência da revolução clariciana: a capacidade de transformar sentimentos vagos em revelações cristalinas através de uma linguagem que parecia familiar, mas operava em frequências completamente novas.

Clarice Lispector não apenas escreveu literatura; ela reinventou o que a literatura brasileira poderia ser. Em um país acostumado com o realismo social e o regionalismo, ela ousou mergulhar nas profundezas da consciência humana, criando uma revolução tão silenciosa quanto transformadora.

O Mergulho na Consciência: Quando o Interior se Tornou Paisagem

Quando "Perto do Coração Selvagem" foi publicado em 1943, Clarice tinha apenas 23 anos, mas já demonstrava uma maturidade literária que deixou a crítica perplexa. Antonio Candido, um dos maiores críticos brasileiros, admitiu ter ficado "desconcertado" com aquela prosa que "não se parecia com nada que se escrevia no Brasil".

E realmente não se parecia. Enquanto seus contemporâneos narravam histórias lineares com começo, meio e fim bem definidos, Clarice mergulhava no fluxo de consciência de suas personagens, explorando territórios psicológicos que a literatura brasileira mal havia tocado.

"Clarice trouxe para nossa literatura uma dimensão introspectiva que era completamente nova", explica a professora de literatura brasileira da USP, Dra. Helena Carvalho. "Ela não estava interessada em contar o que acontecia, mas em revelar como as coisas aconteciam dentro da mente e do coração humanos."

Essa técnica narrativa, que encontrava ecos em James Joyce e Virginia Woolf, ganhava nas mãos de Clarice uma particularidade brasileira única. Ela não imitava os modernistas europeus; ela traduzia suas inovações para uma sensibilidade genuinamente nossa, criando algo inteiramente novo.

A Alquimia das Palavras Cotidianas



Uma das características mais marcantes da revolução clariciana foi sua capacidade de transformar palavras absolutamente comuns em instrumentos de revelação. Quem mais poderia escrever "O ovo era uma coisa suspensa no tempo" e fazer com que essa frase simples carregasse o peso de uma descoberta existencial?

"Clarice tinha uma relação quase mística com a linguagem", observa o escritor e crítico João Almino. "Ela conseguia extrair significados profundos de palavras que usamos todos os dias, como se estivesse descobrindo seus sentidos secretos."

Essa alquimia linguística fica evidente em passagens como esta, de "Água Viva": "Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo." Cada palavra é escolhida não apenas pelo seu significado, mas pela sua sonoridade, pelo seu peso emocional, pela sua capacidade de evocar sensações que transcendem o racional.

Essa prosa poética não era ornamental; era funcional. Clarice precisava dessa linguagem expandida para capturar experiências interiores que a linguagem convencional não conseguia expressar. Era como se ela estivesse inventando um novo idioma para traduzir a alma humana.

O Impacto Sísmico na Literatura Contemporânea



A influência de Clarice na literatura brasileira contemporânea é impossível de mensurar completamente, mas seus ecos são audíveis em praticamente todos os grandes escritores que vieram depois dela. De Lygia Fagundes Telles a Hilda Hilst, de Caio Fernando Abreu a Adriana Lisboa, todos carregam algo da revolução clariciana em suas obras.

"Clarice abriu portas que nem sabíamos que existiam", comenta a escritora Paloma Vidal. "Depois dela, tomou-se possível escrever sobre a experiência feminina de uma forma completamente nova, explorar a interioridade sem precisar justificar essa escolha com uma trama externa elaborada."

Internacionalmente, sua influência também é crescente. Escritoras como Elena Ferrante, na Itália, e Rachel Cusk, na Inglaterra, demonstram claras influências da técnica narrativa clariciana. A tradução de suas obras para o inglês por Benjamin Moser trouxe Clarice para um público global que a reconhece como uma das vozes mais originais da literatura mundial.

Diálogos com os Grandes Inovadores



Embora Clarice tenha desenvolvido sua voz de forma independente, é impossível não notar

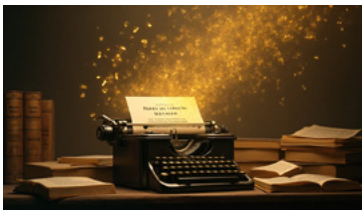
paralelos com outros grandes inovadores da literatura moderna. Como Joyce em "Ulisses", ela explorava o fluxo de consciência, mas onde o irlandês criava labirintos verbais complexos, Clarice buscava uma clareza cristalina que tornasse o complexo acessível.

"A diferença entre Clarice e Joyce é que ela democratizou o fluxo de consciência", analisa o professor de literatura comparada Dr. Roberto Silva. "Joyce exigia um leitor erudito; Clarice falava diretamente ao coração de qualquer pessoa disposta a se deixar tocar por sua prosa."

Com Virginia Woolf, Clarice compartilhava a capacidade de transformar momentos cotidianos em epifânias. Mas enquanto Woolf mantinha uma elegância aristocrática, Clarice possuía uma urgência existencial que a tornava mais visceral, mais direta em sua busca por verdades essenciais.

Kafka, talvez, seja sua influência mais evidente. Ambos compartilhavam a capacidade de transformar situações aparentemente banais em experiências de profunda estranheza existencial. A diferença é que onde Kafka criava pesadelos, Clarice criava revelações.

Antecipando o Pós-Moderno



Décadas antes do termo "pós-modernismo" se tornar comum na crítica literária, Clarice já praticava muitas de suas características fundamentais. Sua desconfiança em relação às narrativas lineares, sua exploração da fragmentação da identidade, sua consciência da linguagem como construção - tudo isso antecipava questões que só se tornariam centrais na literatura mundial décadas depois.

"Clarice foi pós-moderna antes do pós-modernismo", observa a crítica literária Dra. Beatriz Rezende. "Ela questionava a estabilidade do eu, a confiabilidade da linguagem, a possibilidade de conhecimento objetivo - questões que só se tornaram mainstream na literatura muito tempo depois."

Sua obra "A Paixão Segundo G.H." é particularmente profética nesse sentido. A dissolução da identidade da protagonista, sua busca por uma verdade que está além da linguagem, sua consciência de que a realidade é uma construção - tudo isso ecoa questões que filósofos como Derrida e Foucault só formulariam anos depois.

A Revolução Continua

Hoje, mais de quatro décadas após sua morte, a revolução de Clarice continua. Novos leitores descobrem em sua obra uma forma de

compreender experiências contemporâneas que outros escritores não conseguem capturar. Sua capacidade de transformar a angústia existencial em beleza literária permanece tão relevante quanto era em 1943.



"Clarice não escreveu para seu tempo; ela escreveu para todos os tempos", reflete o escritor Milton Hatoum. "Sua revolução não foi apenas estilística, foi existencial. Ela mostrou que a literatura poderia ser um instrumento de autoconhecimento, uma forma de tocar o indizível."

A revolução silenciosa de Clarice Lispector transformou não apenas a literatura brasileira, mas nossa compreensão do que a literatura pode fazer. Ela provou que é possível criar beleza a partir da confusão interior, que é possível encontrar o universal no mais íntimo, que é possível revolucionar sem gritar.



Em um mundo cada vez mais barulhento, a revolução silenciosa de Clarice continua ecoando, lembrando-nos de que as transformações mais profundas acontecem não nos grandes gestos, mas nos momentos quietos de revelação interior. Como ela mesma escreveu: "Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

E talvez seja exatamente isso que sua revolução nos ensinou: que a literatura, em sua forma mais pura, não precisa ser entendida para ser sentida, não precisa ser explicada para transformar. Precisa apenas ser vivida, como Clarice viveu cada palavra que escreveu.





Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uideam ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure

Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br

Linhas Cruzadas: O Miado do Dinheiro

Quando a Realidade Supera a Ficção



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@@prof.alineabreu

Análise da conexão entre Edgar Allan Poe e a Operação Follow the Money que revelou R\$ 15 milhões emparedados



2024. Ninguém na rua Joaquim do Barigui imaginava. Nem o porteiro do prédio ao lado, que passava o dia de boné branco girando as chaves no dedo. Nem a vizinha do sobrado

azul, dona Teresa, que criava gatos e espiava o bairro por entre as samambaias da varanda. Ninguém, absolutamente ninguém, suspeitava que naquela casa de janelas cerradas e jardim milimetricamente tosado morava um segredo.

O dono da casa era conhecido como “seu Mauro”. Nome simples, cara de quem pagava o IPTU em dia. Saía de manhã cedo com a camisa bem passada e o mesmo café preto sem açúcar,

Pretinha, sem nome. Só chamada de “menina” nos poucos momentos de ternura. Andava livre pelos cômodos e sumia misteriosamente atrás de portas que não levavam a lugar nenhum.

Até que, num mês de março que parecia comum, a Polícia Federal apareceu. Em Curitiba, no bairro Barigui, numa quarta-feira qualquer, a Operação “Follow the Money” foi deflagrada em três estados, investigando a lavagem de dinheiro

esperava? A presença da gata, viva, emparedada junto ao dinheiro.

A cena, se não estivesse registrada em boletim da Polícia Federal, pareceria inspirada diretamente por Edgar Allan Poe. No conto O Gato Preto, um homem, perturbado pela culpa, empareda o corpo da esposa, sem notar que o gato também está ali, encerrado vivo, miando por trás dos tijolos. No caso de seu Mauro, a parede

empresário investigado”. Ninguém falou do bilhete achado no bolso do paletó, onde se lia: “não é o dinheiro que pesa, é o silêncio”. Nem da estranha obsessão do morador com gatos e paredes - assunto, aliás, que deixou dona Teresa especialmente desconfortável. Ela jurava ter visto a tal gata antes. Em 2009. Depois, nunca mais.

A vizinhança não sabia o que dizer. Uns lamentaram. Outros aplaudiram o fim de mais um “falso decente”. Teve quem dissesse que Mauro era só mais um entre tantos, que era ingenuidade achar que milionário discreto é honesto por padrão. E teve quem repetisse, com tom de cinema: “No fundo, a culpa sempre mia”.

Dias depois, o imóvel foi lacrado. A gata, adotada por uma ONG. A casa, agora patrimônio do processo, espera. Espera que alguém a compre. Que lhe refaça os cômodos, derrube os segredos e pinte de bege as paredes antes tão resistentes.

Mas há marcas que não saem com cal. Há narrativas que grudam no rodapé.

Há quem diga - e sempre há - que à noite, bem tarde, dá para ouvir um som fraco vindo de dentro. Um som abafado, entre um roçar de parede e um lamento muito agudo, quase humano.

Claro, bobagem. Casas não falam. E paredes, definitivamente, não choram. Exceto, talvez, quando sabem demais.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025”

atravessava o portão automático com um aceno discreto e sumia dentro de um SUV blindado e sem placa da frente. Dizia-se empresário do ramo de lubrificantes, informação suficiente para ninguém perguntar mais nada.

Por dentro, a casa parecia um museu do silêncio. Tapetes persas, sofás sem marcas de uso, estantes com livros de lombada dourada que ninguém jamais viu abertos. E uma gata,

ligada ao tráfico internacional de drogas. Na casa de seu Mauro, os agentes usaram marreta. E quebraram uma parede.

Ali dentro, escondidos em silêncio, estavam três milhões de dólares em espécie, cerca de R\$15 milhões, empilhados em pacotes alinhados como tijolos. Todo o montante em cédulas foi encaminhado à Caixa Econômica para contagem oficial. O detalhe que ninguém

também escondia um crime. Não um cadáver, mas o rastro de um império: tráfico, lavagem, empresas de fachada e quase R\$2 bilhões movimentados em contas suspeitas. A diferença é que, desta vez, foi o miado do dinheiro que chamou a atenção.

A imagem correu o noticiário: “Gata ajuda PF a encontrar parede falsa com US\$3 milhões”. “Animal fareja fortuna escondida em casa de



Sua ideia merece se tornar leitura do mundo. Participe!

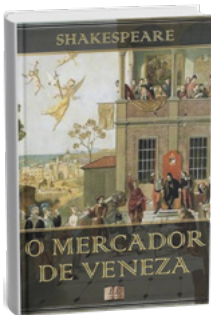
O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



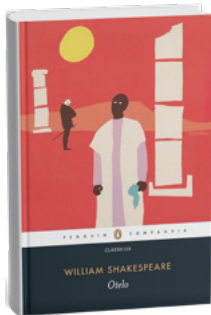
"O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.

FAZER DOWNLOAD



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"Oteló"

Em Veneza, Oteló, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco?otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Oteló é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Oteló e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.

FAZER DOWNLOAD



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 1 Jornal Nº III - Setembro/2025
Direção Geral: J.B Wolf
Editor-Chefe: J.B Wolf
Conselho Editorial: [Lista de membros]
Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]
Coordenação de Arte e Design: Agência The Wolf Bard
Suporte Técnico: [TI e Web]
Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews
Endereço: Águas Claras, Brasília - DF
Colaboradores: [Convidados]
Contato para publicações: participe@thebardnews.com

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

J.B Wolf	Cleópatra Melo
Stella Gaspar	Mariana Pacheco
Jeane Tertuliano	Magna Aspásia
Claudia Faggi	Edna Lessa
Beth Baltar	Clayton Zocarato
Renata Munhoz	Drika Gomes
Aline Abreu Santana	

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP:
(61) 9 8474-7033

LITERATURA

CRÔNICAS

Em Setembro nasci



POR
Stella Gaspar

Em setembro nasci
Para uma vida em movimentos
Com sonhos ampliados
Com a grandeza
E a generosidade, do amor.
Os sinos e os rouxinóis
Cantaram no meu nascimento
Ofertando carícia,
na minha alma.

Sou do signo de virgem.
Forte com a esperança
E em um mar
De rosas,
Meus sonhos realizo.

Imagine uma centelha que em sentido
figurado, podemos chamar de uma
inspiração ou imaginação inesperada. A
crônica poética que escrevi, traz aspectos de
um texto lírico, com emoções e sentimentos.

Setembro pode ser assim, um
florescimento, desabrochando para cada
um de nós.

Reconhecer o valor de cada momento
de nossas vidas, amadurecidas por nossas
experiências positivas ou negativas, é uma
oportunidade de aprendemos com todas elas.

Durante o ano, um novo mês, proponho
acreditarmos que podemos ser felizes,
tomando nossas jornadas mais confortáveis,
evitando o pessimismo. Se as coisas saírem
erradas, tente novamente, nós seres humanos
temos uma riqueza que nenhum pássaro,
nenhuma árvore, nenhuma estrela ou arco-
íris possuem, nós temos a consciência. Somos
seres de escolhas, de coragens. Um novo mês,
novos caminhos. Permita-se deleitar-se com
suas conquistas, seja o tesouro de seu mundo,
sinta motivações, aprenda novas coisas do
viver, observe as estrelas e arrisque sonhar.

Que mês bonito, é setembro
florescido, com um clima de bem-estar
interior. Sinta-se radiante, transborde de
levezas e em setembro, busque a sua total
satisfação.

Lembre-se: quando há ventos
fortes, as ondas se movimentam altas e
semi-baixas; quando os ventos desaparecem,
incrivelmente as ondas se aquietam. Somos
dependentes como as ondas, dependentes
dos ventos, sempre estamos ansiando por
algo novo, nutrimos nossos desejos.

Desfrute das luzes de setembro,
habite na casa da sensibilidade, sinta o
coração do amor, seja em setembro o amor,
o seu próprio amor!



Miniconto
Pesadelo Azul



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

POEMAS

Redenção



POETA
Edna Lessa

@ednalessa_escritora

Olhe em meus olhos
Deixe-me tocar sua alma...
Deixe-me abraçar a sua dor
Estou aqui para você...
Sempre estarei...

Deixe-me ser refúgio e abrigo
E quando o vento bater forte
Deixe-me ser abraço acolhedor
Para que em mim brote seu sorriso

E que no enlace dos nossos corações
A vida pulse na fortaleza do afeto
E na pureza do amor profundo
Se inicie a jornada da redenção.

POEMAS

Alma viva



POETA
J.B Wolf

@poetajbwolf

Mesmo que meu tempo passe mil anos,
minhas reencarnações
a lembrança falhar.
Que em frações
de segundo me recorde,
uma vida nelas vivida,
não caberia tempo em ficar.
Se pudesse tocar seu rosto,
ficaria feliz só de tentar...
Pois um dia seu corpo será mais uma alma viva
a te amar.

POEMAS

Tecelão



POETA
Arcely Soares

@ms_arelly

Os pássaros choram as suas penas.
A liberdade está confinada
pelo cárcere-mundo.

Ficarão na gaiola
as aves que vão nascer?
Tu, que as aprisionas, não sabes
que o cantarolar dos pássaros
se captura com água e jardim?

Quanto sonhadores presos!
Aprisionar é o fim.
Ai dos pássaros!
E ai de mim!

POEMAS



POETA
Lilian Barbosa

@amagoreflexivo

Em um baile de anjos
Sinto-me flutuar
Envolvida por serena melodia
Corpo leve, alma leve
Leva embora a carga pesada
Que outrora pesava aos ombros
E doía no peito

É o conforto que se tem
Quando anjos acalentam
Mesmo ausentes à visão
Estão por toda parte
Distribuem energias
Acolhem gentilmente
Fazem bem ao coração

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 32ª edição Julho e Agosto



SOB OS VENTOS DO NORTE:
"A arte nas Culturas Nórdicas"

Clique aqui para baixar

Em Processo Editorial - 33ª edição Setembro e Outubro
Lançamento dia 21 de Setembro



ENTRE OS TONS DO NORDESTE:
"Olhares artísticos do Sertão."

Clique aqui para acessar

Editais Abertos - 34ª edição Novembro e Dezembro
Término dia 21 de Setembro



O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Editais Abertos

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

LITERATURA

A Transformação da Literatura: Entre Aprender e Entreter

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

“Reflexão sobre como o utilitarismo contemporâneo tem reduzido a literatura a ferramenta pragmática, perdendo sua essência como entretenimento transformador”

A literatura brasileira e mundial, por séculos, desempenhou o duplo papel de deleite estético e expansão da compreensão humana. No entanto, o atual panorama parece ter ressignificado o papel da literatura, especialmente a ficcional, relegando-a a um lugar secundário em um mundo obcecado pela utilidade pragmática e resultados imediatos. Observa-se, assim, um distanciamento crescente do livro literário como fonte de entretenimento e identificação emocional, à medida que prevalece a visão reducionista de que a leitura deve servir exclusivamente como ferramenta de aprendizado técnico ou solução imediata de problemas.

Essa mudança de percepção tem raízes profundas – sociais, culturais e educacionais. Entre seus efeitos mais relevantes, destacam-se principalmente: o domínio do livro de autoajuda e das narrativas didáticas como marcos de sucesso nos rankings de vendas, e a transformação do ato de ler em uma prática atrelada à funcionalidade. Um exemplo óbvio é identificar blocos do mercado editorial que apostam, quase que exclusivamente, em materiais com temas como “como enriquecer mais rápido”, “como liderar um time de sucesso” ou “como estruturar uma rotina perfeita”. Esses textos, encapsulados em fórmulas acessíveis, prometem resultados mensuráveis na busca pelo chamado “desenvolvimento pessoal”, mas frequentemente desconsideram a literatura de ficção como um espaço de recreação subjetiva e profundidade crítica.



Essa mudança reflete também o impacto de nossas práticas educacionais. Por décadas, a escola tem solicitado a leitura de textos literários a partir de uma perspectiva analítica, como quando alunos identificam “tipos de narradores”, “figuras de linguagem” ou contextualizam um autor em determinado movimento literário. Essa abordagem, embora necessária do ponto de vista técnico, frequentemente esvazia o prazer da leitura, descolando o aluno da experiência sensorial e emocional que um livro pode proporcionar. Na juventude, raramente se encoraja o estudante a ler pela pura fruição – rir, emocionar-se ou ser transportado a universos fictícios. Quando a literatura se perde como espaço de entretenimento, ela corre também o risco de perder o leitor casual, aquele que poderia se tornar um apreciador vitalício.



Mas, afinal, por que a literatura como entretenimento importa tanto?

Primeiro, é necessário ressaltar que, contrariamente ao senso comum de que entretenimento seria algo fútil, toda experiência de lazer genuíno pode operar como um poderoso meio de aprendizado indireto. Ao embarcarmos em uma narrativa ficcional bem construída, somos confrontados com questões éticas, dilemas psicológicos complexos e histórias que nos conectam com outras culturas e tempos. Para além do imediatismo de um livro prático, uma novela de Machado de Assis, um conto de Clarice Lispector ou mesmo as aventuras infundáveis de universos fantásticos como os de J.R.R. Tolkien nos oferecem algo que nenhum resumo de autoajuda entrega: complexidade, humanidade e reflexão duradoura.

A ficção, ao contrário do pragmatismo rígido de livros que prometem “transformar sua vida em dez passos”, trabalha no campo da subjetividade e do simbólico. É nela que está a grande força da literatura como entretenimento que ensina por vias inesperadas. Sentimo-nos ligados ao mundo de um personagem que nunca existiu. Sentimo-nos embebidos pelas decisões de um protagonista cujas falhas nos fazem revisitar nossos próprios erros ou compreender outros pontos de vista. Esses elementos criam empatia, algo que transcende listas práticas e que é poderoso tanto no campo das relações humanas quanto em nossa autorreflexão.



Essa dimensão do “ensinar sem ensinar”, totalmente presente na literatura, não pode ser subestimada. Não à toa, escritores renomados sempre defenderam a literatura como experiência antes de explicação. José Saramago, por exemplo, costumava dizer que “o romance está aqui para lançar perguntas, não para entregar respostas prontas”. Essa abertura criativa é o que torna o livro literário tão essencial em tempos que priorizam respostas rápidas.

Se transpusermos tal discussão ao campo do entretenimento contemporâneo, também encontramos reflexos claros dessa mudança. Imagine se todo o conteúdo audiovisual consumido fosse exclusivamente documental ou instrucional: documentários sobre hábitos financeiros, séries biográficas de líderes históricos, programas educacionais de ciência. Por mais valiosos que sejam esses materiais, como seria sem narrativas ficcionais, que expandem as fronteiras da imaginação, como “Breaking Bad” ou filmes de universos fantásticos como os da Marvel? A ausência do lúdico seria, no mínimo, um empobrecimento da experiência humana.



Do mesmo modo, a literatura – em seus múltiplos gêneros, do romance ao conto, da poesia ao teatro – é essencialmente um convite a explorar mundos que não existem, mas que espelham verdades profundas sobre nós mesmos. E essa exploração, longe de ser improdutiva ou mera diversão, enriquece nossa capacidade de compreender a complexidade da vida e da condição humana.

Além disso, outro aspecto de extrema relevância é a inclusão da diversidade literária. Não se trata apenas de promover os clássicos, mas de abrir espaço para narrativas de autores marginalizados, representando vozes periféricas, indígenas, negras e outras. Se a literatura ainda guarda um papel educativo, este deve emergir do contato com pluralidade, mas sem perder sua capacidade de seduzir primeiro e ensinar depois.

Portanto, urge resgatar e celebrar a literatura como forma de entretenimento. Não há contradição entre ler por prazer e aprender com



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/08/2025”

profundidade – na verdade, essas dimensões se complementam. Recuperar o valor da ficção em tempos utilitaristas é lembrar que nem todo ganho é tangível, nem todo aprendizado é imediato, mas que as maiores transformações nascem do espaço criativo e lúdico da imaginação.

Voltar-se para a literatura como entretenimento é apostar num horizonte social onde valorize-se a sensibilidade, a reflexão e o afeto, construídos pelas histórias que nos conectam uns aos outros. Somente assim poderemos devolver ao livro literário a

centralidade que ele merece em nossa cultura.

Literatura não é sobre “como fazer” – é sobre “como ser” e “como sentir”. É entretenimento, sim, mas um que muda vidas, sempre, mesmo quando nos transporta a realidades inventadas.



LITERATURA

Vozes das Montanhas: Literatura Albanesa em Foco



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), @fontenellemagna



Ao falar de literatura mundial, muitas vezes o olhar do público e da crítica se volta para as grandes potências culturais: França, Rússia, Inglaterra, Estados Unidos. No entanto, é nas margens, nas terras de montanhas isoladas, que surgem vozes literárias de resistência, memória e identidade.

A Albânia, marcada por uma história de ocupações, ditaduras e isolamento político,

carrega em sua literatura o peso de séculos de luta por voz e expressão. Como disse o filósofo Edward Said, em seu clássico livro “Orientalismo”, as culturas marginalizadas frequentemente têm sua narrativa silenciada ou distorcida pelo olhar estrangeiro.

A literatura albanesa, nascida entre vales e montanhas abruptas, carrega em suas linhas o eco da resistência de um povo que, ao longo dos séculos, enfrentou invasões, ditaduras e diásporas, mas que nunca permitiu que sua voz fosse silenciada. Mais do que um exercício estético, a produção literária da Albânia representa um ato de memória, identidade e sobrevivência cultural.



O filósofo francês Michel Foucault afirmou que a linguagem é um campo de poder. Nesse sentido, a literatura albanesa transforma-se em um território de resistência, onde os escritores convertem em cicatrizes históricas em arte e reflexão. Ismail Kadare, reconhecido internacionalmente como o maior nome da literatura albanesa contemporânea, é apenas a porta de entrada para um universo muito mais amplo, plural e ainda pouco explorado fora das fronteiras dos Bálcãs.

Autores como Kristaq F. Shabani, escritor, pesquisador, fundador e presidente da Akademia Alternative Pegasiane-Albânia, também conhecido mundialmente demonstram que a literatura da Albânia vai além da ficção.

Em sua poesia e nos ensaios filosóficos que produz, Shabani transforma a palavra em um instrumento de reflexão sobre identidade, paz e justiça social. Mihill Velaj, com sua prosa sensível e marcada por um olhar humanista, e Bexhet Asani, com textos que resgatam raízes culturais e dilemas existenciais do povo albanês, ampliam ainda mais esse rico mosaico de vozes literárias com pesquisas.

O poeta Hekuran Hapaj, com sua linguagem simbólica e emocionalmente densa, e o multifacetado Xhevat Limani, cuja trajetória no teatro o consagra como uma figura central da cultura albanesa, representam a força da palavra que transborda da página para o palco. Suas obras demonstram como a literatura pode dialogar com outras formas de arte, tornando-se expressão viva da alma de um povo.



As vozes femininas, por sua vez, ocupam um espaço cada vez mais destacado nesse cenário literário. Vera Cato, Nexhmije Hasani e Vjollca Aliaj, Alexandra Shabani, dentre outras, oferecem um olhar profundamente sensível e, ao mesmo tempo, crítico, sobre a condição da mulher albanesa, suas lutas, suas perdas e suas esperanças. Simone de Beauvoir, em sua célebre obra, já afirmava que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, e na literatura albanesa esse processo de transformação é poeticamente expresso por essas autoras, por meio de metáforas que denunciam, mas que também encantam.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025”

Autores como, Haxhi Kalluci e Petro Dudi, cada um com seu estilo singular, também contribuem para esse grande coro de narrativas e reflexões. Gjergj Nicolas, com seu olhar de cronista e memorialista, registra as histórias vividas e preserva a memória coletiva de um povo que sempre soube cantar, mesmo nos períodos mais sombrios de sua história.

O teórico russo Mikhail Bakhtin, ao abordar o conceito de polifonia literária, descreveu um universo onde múltiplas vozes coexistem e se entrelaçam. A literatura albanesa se insere exatamente nesse contexto: um espaço no qual a tradição oral dialoga com a modernidade, o mito se encontra com a política e a memória coletiva projeta-se como um legado para o futuro.

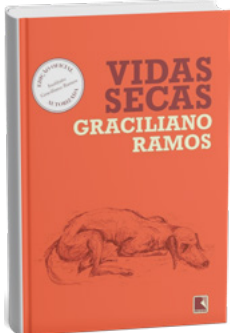
Em um mundo cada vez mais globalizado

e, paradoxalmente, desigual quanto ao reconhecimento cultural, dar visibilidade à literatura albanesa torna-se um gesto de justiça e um enriquecimento para o repertório literário mundial.

Italo Calvino, em uma de suas reflexões sobre os clássicos, destacou que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Da mesma forma, as vozes das montanhas da Albânia seguem ressoando, desafiadoras e universais.

Reconhecer e divulgar a literatura albanesa é, portanto, um convite à escuta atenta dessas vozes que atravessam o tempo e o espaço, trazendo consigo a força de um povo que soube transformar a dor em palavra, o silêncio em poesia e a resistência em arte.

Indicação de leitura



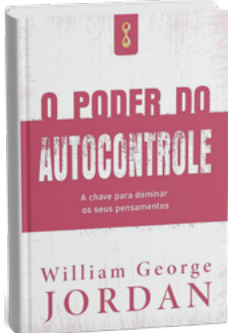
FAZER DOWNLOAD

"Vidas Secas de Graciliano Ramos"

Lançado originalmente em 1938, Vidas secas retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O pai, Fabiano, caminha pela paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro com a sua mulher, Sinha Vitória, e os dois filhos, que não têm nome, sendo chamados apenas de “filho mais velho” e “filho mais novo”. São também acompanhados pela cachorrinha da família, Baleia, cujo nome é irônico, pois a falta de comida a fez muito magra.

Vidas secas pertence à segunda fase modernista da literatura brasileira, conhecida como “regionalista” ou “romance de 30”. Denuncia fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino. É o romance em que Graciliano alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa: o que impulsiona os personagens é a seca, áspere e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.

Indicação de leitura



FAZER DOWNLOAD

"O poder do autocontrole de William G. Jordan"

Descubra o segredo do autocontrole. Este livro foi selecionado por estudiosos como um verdadeiro artefato histórico, sendo culturalmente importante, e faz parte da base de conhecimento da civilização ocidental e da história dos EUA como a conhecemos. Esta obra foi reproduzida a partir do artigo original e permanece a mais fiel possível a sua fonte de origem. O homem tem dois criadores: seu Deus e ele mesmo. Seu primeiro criador fornece-lhe a matéria-prima de sua vida e as leis em conformidade com as quais ele pode fazer dela o que quiser. Seu segundo criador – ele mesmo – tem poderes maravilhosos que raramente percebemos. O que conta é o que o homem faz de si mesmo. Quando falhamos na vida, normalmente nos vem à mente: "Eu sou como Deus me fez". Mas quando conseguimos algo, orgulhosamente assumimos que chegamos até ali sozinhos. O ser humano é colocado neste mundo não como uma finalidade, mas como uma possibilidade.

Editora Valleti Books

PUBLIQUE SEU LIVRO COM QUALIDADE E ECONOMIA! A MELHOR OPÇÃO PARA REALIZAR SEU SONHO. PACOTE PROMOCIONAL

- 100 livros em preto e branco
- Até 120 páginas
- Formato 14,8 x 21 cm
- Capa colorida com orelha de 7 cm
- Prova do livro gratuito

- Mockups
- Divulgação + Vídeo Lançamento
- R\$ 2.100,00 - Entrada de R\$ 600,00
- + 3x de R\$ 500,00 no cartão
- Válido até 12/2025

GARANTA SUA PUBLICAÇÃO AGORA!

Seu livro merece ser publicado com qualidade e visibilidade! Na **Valleti Books**, oferecemos tudo o que você precisa para lançar sua obra dos sonhos: prova gratuita, mockups profissionais, divulgação e até um vídeo de lançamento! Tudo isso por apenas **R\$ 2.100**. Entre em contato pelo Instagram @valletibooks ou acesse valletibooks.com.br **Mas atenção:** promoção válida até dezembro de 2025! **Não perca essa oportunidade única.**

LITERATURA

Redenção Pela Leitura:
Como Livros Mudam DestinosPor Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Antes da cura, houve a palavra. Antes da revolução, houve a leitura. A literatura sempre me pareceu esse lugar onde o impossível respira, mesmo quando a realidade sufoca. Quem já teve a alma em frangalhos sabe: às vezes, um livro salva mais que um abraço, mais que uma oração, mais que qualquer manual de sobrevivência.

“Descubra o poder transformador dos livros como ferramenta de cura, resistência e reconstrução pessoal.”



Não se trata de romantizar a dor. Mas de reconhecer que, quando tudo ao redor tenta nos silenciar, os livros nos devolvem voz. Não a voz que ecoa o mundo, mas a que, lá de dentro, enfim, nos escuta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"



A leitura é um tipo de redenção íntima. Quem lê não foge. Transcende. E nessa travessia silenciosa, encontra chaves para abrir portas internas que a vida trancou. Página após página, aprendemos que nem toda cicatriz é condenação. Que há beleza no que se reinventa. Que há futuro mesmo em quem já foi descartado.

A literatura muda destinos porque nos apresenta versões de nós que ainda não conhecíamos. Mostra que somos múltiplos, inacabados, complexos. Longe de fórmulas, perto da verdade. Ao ler, passamos a nomear aquilo que doía sem nome. E o que se nomeia, se ressignifica.



É por isso que, para tantas meninas como eu, a leitura foi um grito abafado que finalmente ecoou. Foi a fuga da rota traçada. A mão invisível que empurrou a porta e disse: vai, existe. Foi o encontro com outras mulheres que também escreveram a vida com sangue, lágrima, lápis e coragem.

Literatura não é luxo. É alimento. É sobrevivência. É ferramenta de ruptura e reconstrução. Cada livro que chega a uma criança, cada história contada em uma escola pública, cada poema lido num ônibus apertado, é um ato político, afetivo e ancestral.



Porque ler é se refazer sem pedir desculpas. É desobedecer ao destino escrito por outrem. É tomar para si o verbo da própria história. É não aceitar o silêncio imposto como ponto final.

A redenção pela leitura não é milagre. É processo. É labuta interna. Mas quem já foi tocado por um livro sabe: depois disso, não se volta ileso. A gente muda o olhar. E, com o tempo, muda também o mundo ao redor.

"O Café Passagem" - Capítulo 2: Reconhecimentos

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



O segundo café chegou acompanhado de um silêncio diferente. Não mais carregado de tensão ou surpresa, mas de uma expectativa quase palpável. Luísa mexia o açúcar em movimentos circulares, hipnóticos, enquanto Daniel observava suas mãos com a mesma atenção que dedicava às páginas de seu caderno.

— Posso fazer uma pergunta? — ela disse, finalmente erguendo os olhos.
— Todas as que quiser.
— No caderno... você escreveu sobre uma filha chamada Clara. Ela é...?
— Nossa — Daniel respondeu sem hesitação, como se fosse a coisa mais natural do mundo.
A palavra ficou suspensa no ar entre eles. Nossa. Como se já fossem um casal, como se já tivessem construído uma vida juntos, como se o futuro fosse apenas uma extensão inevitável do presente.

— Isso é loucura — Luísa murmurou, mas sua voz não carregava convicção.
— É — Daniel concordou. — Mas você ainda está aqui.
Ela não conseguia negar. Havia algo naquele homem, naquele momento, que desafiava toda lógica. Era como se uma parte dela, uma parte que nem sabia que existia, reconhecesse Daniel como alguém que sempre estivera destinado a encontrar.
— Me conte sobre Lisboa — pediu ela.
Daniel fechou os olhos por um momento,



como se acessasse uma memória que ainda não havia acontecido.
— Você usa um vestido azul-marinho. Estamos na Rua Augusta, e você para diante de uma livraria antiga. Compra um livro de Fernando Pessoa que já tem em casa, mas diz que é diferente comprá-lo em Lisboa. Eu fotografo você segurando o livro, sorrindo, com o sol da tarde iluminando seu rosto.
Luísa sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Pessoa era seu poeta favorito, algo que jamais mencionara a ninguém naquele café.
— E Clara?
— Ela tem seus olhos, mas meu jeito teimoso

de franzir a testa quando está concentrada. Aos cinco anos, decide que quer ser "escritora de futuros", como o papai. Você ri e diz que ela pode ser o que quiser, mas que talvez seja melhor começar escrevendo o presente.
As lágrimas vieram sem aviso. Luísa não sabia por que chorava, se era pela beleza daquelas imagens impossíveis ou pelo medo de que pudessem ser reais.
— Hey — Daniel estendeu a mão sobre a mesa, tocando levemente seus dedos. — Não precisa acreditar em nada disso.
— Mas eu acredito — ela sussurrou. — E isso me apavora.
— Por quê?
— Porque... e se você estiver errado? E se nada disso acontecer?
Daniel sorriu com uma ternura que parecia vir de anos de convivência.
— Então teremos vivido um domingo extraordinário. E às vezes, Luísa, um domingo extraordinário vale uma vida inteira de segundas-feiras comuns.
Ela enxugou os olhos com o guardanapo de papel.
— Você sempre fala assim? Como se fosse um personagem de romance?
— Só quando estou nervoso.
— Você está nervoso?
— Apavorado — ele admitiu. — E se você estiver certa? E se eu for apenas um homem comum que desenvolveu uma obsessão estranha por uma desconhecida bonita que frequenta cafés aos domingos?
Luísa riu pela primeira vez desde que se sentara à mesa.

— Então seríamos dois loucos tomando café.
— Há destinos piores.
O relógio na parede marcava meio-dia. O ritual de Daniel deveria ter terminado há muito tempo, mas o caderno permanecia fechado sobre a mesa.
— Posso te fazer um pedido? — Luísa perguntou.
— Claro.
— Escreva sobre hoje. Sobre este momento. Quero saber se o que você vê do futuro inclui... isto.



Daniel abriu o caderno em uma página em branco. Pegou a caneta e começou a escrever, sem tirar os olhos de Luísa. Ela observou suas mãos se moverem com fluidez, como se as palavras já estivessem prontas, esperando apenas para serem libertadas.
Quando terminou, virou o caderno para ela.
"Luísa descobrirá que alguns encontros não são coincidências, mas reconhecimentos. Hoje, ela escolherá acreditar no impossível. E o impossível, grato por sua fé, se tornará inevitável."
— E agora? — ela perguntou, ecoando sua própria pergunta de minutos atrás.

O Futuro Sonoro
da Literatura:

Reimaginando os
Clássicos na Era Digital

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A inteligência artificial está revolucionando os audiobooks, transformando a experiência de ouvir uma história em algo imersivo e sensorial. Hoje, não se trata apenas de escutar uma voz lendo, mas de vivenciar narrativas que se moldam ao ouvinte. Graças aos avanços tecnológicos, é possível recriar vozes com realismo impressionante, incluindo timbres históricos e interpretações emocionais que intensificam o envolvimento com a obra.

A IA também rompe barreiras linguísticas, permitindo que um mesmo livro seja ouvido em diferentes idiomas, mantendo estilo e tom. Além disso, sons ambientes e trilhas sonoras criadas automaticamente dão vida aos cenários descritos, como o estalar de espadas ou o sussurro do vento, mergulhando o ouvinte no universo da narrativa.

Outro avanço promissor é a interatividade: o ouvinte pode tomar decisões que alteram o rumo da história ou até mesmo interagir com personagens controlados por IA. A experiência torna-se personalizada, com narrações adaptadas ao humor, momento do dia ou preferências individuais.

Mais do que uma inovação tecnológica, esses recursos representam uma nova forma de se conectar com a literatura. Os audiobooks deixam de ser apenas uma alternativa prática à leitura e se tornam um reencontro sensorial com as histórias. Com a inteligência artificial, não apenas ouvimos livros — nós os vivemos. E nesse novo cenário, a literatura encontra maneiras inéditas de sobreviver, emocionar e permanecer.

@poetajbwolf



— Agora — Daniel fechou o caderno e se levantou — você me deixa acompanhá-la até em casa. E no próximo domingo, se quiser, voltamos aqui. Mas desta vez, você traz um livro para ler para mim.
— Que livro?
— Qualquer um. Só quero ouvir sua voz contando uma história que não seja a nossa.
Luísa pegou a bolsa e se levantou também. Quando passaram pela porta do café, ela se virou para olhar a mesa que deixavam para trás.
— Daniel?
— Sim?
— Você realmente acredita que pode ver o futuro?
Ele parou na calçada e a encarou com aqueles olhos castanhos que pareciam guardar segredos do tempo.
— Não sei se vejo o futuro, Luísa. Mas sei que, desde que comecei a escrever sobre você, meu presente ficou muito mais interessante.
E pela primeira vez em anos, Luísa sentiu que o futuro, qualquer que fosse, valia a pena ser vivido.

CINEMA

O Cinema na Era do Streaming:
O Fim das Telonas ou Uma Nova Evolução?

CINEMA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Análise sobre como as plataformas digitais estão transformando a experiência cinematográfica e redefinindo o futuro da sétima arte"

Desde o seu nascimento, o cinema se firmou como uma das formas mais poderosas de contar histórias e aproximar pessoas. A experiência de rir, chorar e se emocionar em uma sala escura, ao lado de desconhecidos, sempre ocupou um espaço simbólico na cultura mundial. Porém, com a ascensão das plataformas de streaming, a vivência tradicional das telonas vem sendo colocada à prova como nunca antes. Surge então uma dúvida inevitável: estamos diante do fim dos cinemas ou apenas de uma nova etapa de sua evolução?



O Crescimento do Streaming e Seu Impacto

Nos últimos anos, serviços como Netflix, Amazon Prime, Disney+ e HBO Max transformaram a indústria cinematográfica ao oferecer acesso imediato a filmes e séries, em qualquer hora e lugar. Essa tendência, que já vinha mudando hábitos culturais, ganhou ainda mais força durante a pandemia de COVID-19, quando os cinemas foram fechados e o streaming se consolidou como o principal meio de consumo de conteúdo audiovisual.



Mesmo após a reabertura das salas, muitos espectadores preferiram continuar assistindo de casa, levantando incertezas sobre o futuro das telonas. O streaming não só ofereceu conveniência, como também se tomou espaço de experimentação artística. Exemplos como "Roma" (2018) e "O Irlandês" (2019), ambos da Netflix, conquistaram reconhecimento em grandes premiações, provando que as plataformas vão além do entretenimento rápido e descartável.

Os Desafios para os Cinemas

Esse crescimento, no entanto, trouxe dificuldades. Filmes fora do circuito das grandes franquias tiveram quedas de bilheteria, colocando em risco a sustentabilidade econômica dos cinemas. Enquanto superproduções como "Avatar: O Caminho da Água" e " Vingadores: Ultimato" seguem lotando salas, produções



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/08/2025"

menores encontram barreiras para alcançar seu público em um mercado cada vez mais dividido entre blockbusters e o conforto do consumo doméstico.



Outro ponto é a mudança nos hábitos de consumo: maratonar séries se tornou um prazer coletivo, o que reduziu o espaço do cinema como hábito semanal. Ainda assim, sua relevância

como experiência única continua viva.

O Potencial da Convivência

Muitos debates colocam streaming e cinema como inimigos, mas o futuro pode ser de convivência e não de exclusão. Estúdios e diretores já testam lançamentos híbridos, oferecendo a opção de assistir tanto nas telonas quanto em casa, ampliando as escolhas do público.

E há algo que o streaming ainda não conseguiu reproduzir: a experiência coletiva. O impacto da tela gigante, o som imersivo e a interação com a plateia ampliam a emoção da narrativa. Em gêneros como ação, ficção científica e terror, essa vivência pode ser determinante para o espectador.



Um Caminho de Reinvenção

Assim como a chegada da televisão não acabou com o cinema, mas o impulsionou a buscar maior qualidade técnica e narrativa, o streaming pode ser um catalisador de novas soluções. Essa transformação abre espaço para formatos inovadores, para o alcance de públicos mais diversos e para uma reinterpretação do que significa "ir ao cinema".

O grande desafio é equilibrar tradição e inovação: manter a magia da sala escura sem abrir mão da praticidade do streaming. Essa integração não só é possível como pode enriquecer a forma como as histórias chegam até nós.

O Poder das Histórias Permanece

No fim das contas, o cinema sempre foi e continuará sendo sobre contar histórias que nos emocionam e nos fazem refletir. Seja na sala de projeção ou no sofá de casa, o poder narrativo das imagens permanece vivo. A mudança que vivemos não representa o fim das telonas, mas sim um novo capítulo de sua evolução.

O futuro do cinema não se define pelo lugar onde assistimos, mas pela intensidade com que as histórias nos tocam. E, nesse sentido, seja na tela grande ou na pequena, o cinema continua a ocupar um lugar essencial no imaginário coletivo.

Cenas que Mudaram o Cinema:
Os Momentos Mais Impactantes da Sétima Arte

CINEMA - Leia o artigo completo no Site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Existem momentos no cinema que transcendem a própria obra. Instantes únicos que, uma vez vistos, alteram para sempre nossa percepção do que a sétima arte pode alcançar. São cenas que não apenas contam uma história, mas reescrevem as regras de como as histórias podem ser contadas.

Quando penso nesses momentos transformadores, sempre me lembro da primeira vez que assisti à cena do chuveiro em "Psicose". Eu tinha dezesseis anos, era uma sessão da tarde em um domingo chuvoso, e genuinamente acreditei que Janet Leigh seria a protagonista do filme inteiro. Quarenta e cinco minutos depois, enquanto a água misturada com sangue escorria pelo ralo, eu compreendi que havia acabado de testemunhar algo revolucionário - não apenas uma morte fictícia, mas o nascimento de uma nova linguagem cinematográfica.

O Assassinato que Matou a Inocência do Cinema

A cena do chuveiro em "Psicose" (1960) permanece, mais de seis décadas depois, como um dos momentos mais estudados e imitados da história do cinema. Alfred Hitchcock não apenas criou uma sequência de suspense; ele demoliu convenções narrativas que pareciam imutáveis.

"Hitchcock fez algo impensável para a época: matou sua estrela principal no primeiro ato", explica o professor de cinema da USP, Dr. Ricardo Fernandes. "Imagine o choque da audiência de 1960. Era como se, hoje, Tom Cruise morresse nos primeiros quarenta minutos de 'Missão Impossível'."

A genialidade técnica da sequência é igualmente impressionante. Setenta e oito configurações de câmera diferentes, cinquenta

cortes em apenas quarenta e cinco segundos, e nem uma única imagem explícita de violência. Hitchcock criou horror através da sugestão, da montagem e do som, elementos que se tornaram fundamentais para o cinema de suspense moderno.

O impacto cultural foi imediato e duradouro. Cinemas relataram que espectadoras se recusavam a tomar banho de chuveiro após assistir ao filme. Mais importante ainda, diretores como Brian De Palma, John Carpenter e até mesmo Quentin Tarantino construíram carreiras inteiras explorando as técnicas narrativas que Hitchcock pioneirizou naqueles quarenta e cinco segundos fatídicos.

A Sinfonia Visual do Cosmos

Se "Psicose" redefiniu o suspense, "2001: Uma Odisseia no Espaço" (1968) reinventou a ficção científica e, em muitos aspectos, o próprio cinema. A sequência de abertura, com os primatas descobrindo ferramentas ao som de "Assim Falou Zaratustra", de Richard Strauss, é mais do que cinema, é filosofia visual.

"Kubrick conseguiu condensar milhões de anos de evolução humana em uma única transição de montagem", observa a crítica de cinema Marina Coelho. "O osso jogado ao ar que se transforma em uma nave espacial é, possivelmente, o corte mais eloquente da história do cinema."

A influência dessa abertura é imensurável. George Lucas admitiu que a sequência inspirou diretamente a abertura de "Star Wars". Ridley Scott a citou como referência para "Blade Runner". Até mesmo filmes aparentemente não relacionados, como "A Árvore da Vida", de Terrence Malick, carregam o DNA visual e filosófico da obra de Kubrick.

Mas talvez o aspecto mais revolucionário de "2001" tenha sido sua confiança no poder das imagens. Em uma era dominada por diálogos explicativos, Kubrick criou sequências inteiras, como a famosa valsa espacial - que comunicavam através da pura linguagem visual. Era cinema como poesia, não como prosa.

O Poder Transformador da Linguagem Visual

Outras cenas igualmente transformadoras pontuam a história do cinema, cada uma redefinindo o que era possível dentro da sétima arte. A sequência dos degraus de Odessa em "O Encouraçado Potemkin" (1925), de Sergei Eisenstein, estabeleceu princípios de montagem que ainda são estudados hoje. A cena não apenas retrata violência; ela a transforma em ritmo, em música visual.

"Eisenstein compreendeu que o cinema não era teatro filmado, mas uma arte completamente nova", explica o historiador de cinema Dr. Paulo Mendes. "A sequência de Odessa provou que a montagem poderia criar emoções que não existiam nas imagens individuais."

O impacto dessa compreensão ressoa até hoje. Diretores como Christopher Nolan, Edgar Wright e os irmãos Wachowski construíram sequências de ação inteiras baseadas nos princípios de montagem rítmica que Eisenstein estabeleceu há quase um século.

A Revolução da Cor e do Movimento

Não podemos falar de cenas transformadoras sem mencionar a entrada de Dorothy no mundo de Oz. Quando "O Mágico de Oz" (1939) transicionou do sépia para o Technicolor, não foi apenas uma mudança técnica, foi uma declaração de que o cinema poderia transcender a realidade.

"Aquela transição de cor representou o momento em que o cinema assumiu sua capacidade de criar mundos impossíveis", reflete a produtora veterana Carmen Silva. "Era a promessa de que, no cinema, qualquer sonho poderia se tornar visível."

A influência dessa sequência é visível em filmes como "Amélie", "A Vida é Bela" e até mesmo "Mad Max: Estrada da Fúria", onde a cor se torna elemento narrativo fundamental.

O Realismo Brutal que Mudou Tudo

Saltando algumas décadas, a cena de abertura de "O Resgate do Soldado Ryan" (1998) redefiniu como a violência poderia ser retratada no cinema. Steven Spielberg não romantizou a guerra; ele a apresentou em toda sua brutalidade caótica e sensorial.

"Spielberg forçou uma geração inteira a confrontar a realidade da guerra", comenta o veterano de guerra e consultor cinematográfico João Santos. "Veteranos da Segunda Guerra Mundial saíram do cinema em lágrimas, não porque a cena era triste, mas porque era verdadeira."

A sequência influenciou não apenas filmes de guerra subsequentes, mas toda uma abordagem cinematográfica ao realismo. Diretores como Christopher Nolan em "Dunkirk" e Sam Mendes em "1917" construíram obras inteiras sobre os alicerces técnicos e emocionais que Spielberg estabeleceu naqueles vinte minutos iniciais.

A Conexão Emocional Duradoura

O que torna essas cenas verdadeiramente especiais não é apenas sua inovação técnica, mas sua capacidade de criar conexões emocionais duradouras com o espectador. Elas funcionam como marcos na nossa própria jornada como consumidores de cinema.

"Cada pessoa tem 'aquela cena' que mudou sua percepção sobre o que o cinema poderia fazer", observa a psicóloga especializada em mídia, Dra. Ana Beatriz Ferreira. "Essas cenas se tornam parte da nossa memória emocional, marcos que dividem nossa experiência cinematográfica em 'antes' e 'depois'."

Para muitos da minha geração, foi a cena da chuva em "Cantando na Chuva" que nos mostrou que o cinema poderia ser pura alegria. Para outros, foi o final de "Cidadão Kane" que revelou o poder da narrativa não-linear. Cada geração tem seus momentos definidores.

O Legado Contemporâneo

Hoje, em uma era dominada por efeitos visuais digitais e universos cinematográficos interconectados, ainda vemos ecos dessas cenas revolucionárias. A sequência do corredor em "Oldboy" influenciou diretamente as cenas de luta de "Daredevil". A abertura de "Up" que conta uma história de vida inteira em quinze minutos sem diálogo, carrega o DNA narrativo de "2001".

"O que essas cenas clássicas nos ensinam é que a inovação real no cinema não vem da tecnologia, mas da compreensão profunda da linguagem cinematográfica", reflete o diretor brasileiro Carlos Diegues. "Cada nova geração de cineastas precisa redescobrir esses princípios fundamentais."

A Eternidade dos Momentos Únicos

Ao final, essas cenas transformadoras nos lembram por que o cinema permanece como uma das artes mais poderosas já criadas pela humanidade. Elas capturam momentos de pura magia narrativa - instantes onde técnica, emoção e visão artística se alinham perfeitamente para criar algo maior que a soma de suas partes.

Cada uma dessas sequências representa um salto evolutivo na linguagem cinematográfica. Elas não apenas influenciaram outros filmes; elas expandiram nossa compreensão do que o cinema poderia ser. E talvez mais importante ainda, elas continuam a nos emocionar, décadas após sua criação, provando que a verdadeira arte transcende tempo e tecnologia.

Quando as luzes se apagam na sala de cinema e uma nova história começa, carregamos conosco a memória dessas cenas transformadoras. Elas são os fantasmas benevolentes que habitam cada nova experiência cinematográfica, lembrando-nos constantemente do poder infinito da sétima arte para nos surpreender, nos emocionar e nos transformar.

CULTURA

A cultura e suas dimensões

Da Etimologia Latina às Tensões Entre Popular, Erudita e de Massa na Sociedade Contemporânea



Por Beth Baltar
COLONISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

que o homem procura características múltiplas no pensar e no agir, na sua formação cultural. A ligação da cultura e civilização se estabelecerá positiva ou negativamente conforme a linha de pensamento. Para os românticos, a civilização expressa sujeição da sensibilidade, bondade natural, interioridade espiritual, ao contrário dos iluministas, que viam positivamente a articulação entre cultura e civilização, uma vez que a cultura era a medida de uma civilização, afluía para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ser humano e não era concebida como natureza, na visão romântica.



A noção de cultura deixa de estar relacionada com a natureza para ser pensada como sinônimo de sociedade e civilização, com o movimento de secularização e racionalização da experiência, o estabelecimento das diferentes esferas de valor, o desencantamento das concepções tradicionais de mundo. Ao longo desse processo, têm-se as atividades denominadas nobres, consideradas como culturais e as atividades cotidianas e práticas, desprovidas da intelectualidade, consideradas como práticas populares. A partir desses referenciais, então, a cultura se apresenta em diferentes dimensões, como: cultura popular, cultura erudita e cultura de massa.

O diálogo constante entre os quadros socioculturais nos quais muitas culturas convivem tem sido estudado por alguns pensadores e historiadores. Temos, assim, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

A cultura popular possui uma lógica diferenciada, um espaço de atuação próprio, um código de simbologias, singulares concepções e um tempo particular que são identificados a cada manifestação cultural, tendo como uma das suas principais características, a formação de um grande nicho de diversidade, tornando-a mais complexa, o que não se pode dizer o mesmo da cultura de elite.

Várias são as definições de cultura popular, pois os estudiosos da área atribuem a mesma definição ao termo. Alguns confundem o folclore com a cultura popular e para outros com a cultura de massa. No entanto, a cultura popular e o folclore recuperam a ideia de "tradição", seja na forma de tradição-sobrevivência, seja na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente, pois é, no dia a dia, que as práticas culturais são transformadas e legitimadas.

A cultura popular como o saber tradicional das classes subalternas das nações civilizadas, legitimaria a existência de uma dicotomia estrutural da sociedade. De um lado, uma elite que promulga o "progresso"; de outro as classes subalternas, representando a continuidade de

manifestações culturais que se acumulariam como herança de um passado distante.

Assim, ainda pensando em relação à erudita, a cultura dos segmentos dominantes, bem como a oposição entre os interesses de duas classes sociais, a elite e de massa que na sociedade foi transferida para a dimensão cultural e fazendo com que a elite, para formar seu universo de legitimidade acabe, também, por tentar definir o que é cultura popular, destacando um conteúdo transformador. Se observarmos, a base conceitual e o conteúdo de cultura sempre estiveram associados às relações entre as classes sociais e que a oposição entre elas é um produto dessas relações.

Inferimos das reflexões aqui apresentadas que para entender a discussão sobre cultura popular, erudita e de massa é centrar-se na ampliação do acesso da população a todas as formas de manifestação cultural, no sentido de construir e resgatar a memória de um povo, por meio de suas tradições, garantindo, dessa forma, a sua identidade.

A Gamificação da Vida Cotidiana: Quando o Jogo Muda a Realidade

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

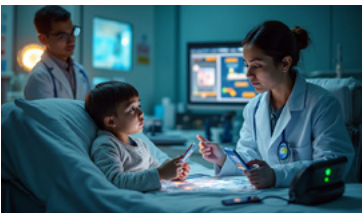
Análise do impacto da gamificação na transformação de atividades cotidianas através de elementos lúdicos e sistemas de recompensa

Aplicativos como Duolingo transformaram o aprendizado de línguas em uma corrida diária por pontos e medalhas virtuais. O Strava, por sua vez, faz corredores e ciclistas competirem entre si, mesmo a quilômetros de distância. A pandemia de COVID-19 acelerou ainda mais esse movimento: de repente, estudar, trabalhar e se exercitar com ajuda de plataformas gamificadas virou rotina.



Na educação, ferramentas como Kahoot! e Classcraft criaram experiências de aprendizado mais dinâmicas, transformando conteúdos antes cansativos em desafios empolgantes. No ambiente corporativo, empresas passaram a adotar sistemas que premiam metas alcançadas, tentando transformar o dia a dia em algo mais leve e produtivo.

Mas talvez seja na saúde que o impacto fique mais visível. Aplicativos como Fitbit e MyFitnessPal estimulam hábitos saudáveis com metas diárias, lembretes e recompensas simbólicas. Até tratamentos médicos já exploram esse recurso: crianças com doenças crônicas aprendem sobre sua condição por meio de jogos, tornando o processo menos assustador.



Funciona porque nosso cérebro adora recompensas. Cada meta batida, cada "nível" superado libera dopamina, aquela sensação boa de conquista. Porém, quando a busca por prêmios vira obrigação, o encanto se perde.

O segredo, portanto, está no equilíbrio. Usada com sensatez, a gamificação pode transformar tarefas comuns em experiências significativas. No fim, talvez ela nos lembre de algo essencial: a vida também é feita de pequenas vitórias, e celebrá-las pode ser o maior prêmio de todos.



Já imaginou se a vida fosse como um grande jogo? Ganhar pontos por completar tarefas no trabalho, desbloquear recompensas ao atingir metas de saúde ou competir com amigos para ver quem aprende algo novo mais rápido? Pois bem, essa ideia, que há alguns anos soaria como ficção, hoje está por toda parte. A gamificação, o uso de elementos típicos dos jogos em atividades comuns, está mudando a forma como vivemos, estudamos, trabalhamos e até cuidamos da saúde. Mas fica a pergunta: será que isso nos torna mais motivados de verdade ou apenas reféns de uma engrenagem interminável de recompensas digitais?

Não é de hoje que a gamificação existe, mas o mundo digital deu a ela proporções inéditas.



GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



Há trinta e sete anos coleciono as palavras que morrem na garganta dos moribundos.

Não as que eles sussurram nos últimos instantes, essas pertencem aos vivos, aos que ficam para chorar. Coleciono as outras: aquelas que se formam no pensamento, sobem pela traqueia, tocam as cordas vocais e recuam, envergonhadas ou tardias demais para encontrar o ar.

— Perdão foi a primeira que ouvi, em 1987, no quarto 304 do Hospital das Clínicas. O homem na cama ao lado do meu pai agonizava há três dias, e eu, menino de doze anos, fingia dormir na cadeira de plástico quando a palavra brotou de seus lábios cerrados como vapor. Ninguém mais a ouviu. Ninguém mais podia ouvi-la.

Guardei-a num frasco de compota vazio que minha mãe havia deixado na mesa de cabeceira. Não sabia ainda que estava iniciando uma coleção que se tornaria minha vida, ou o que quer que isto seja que chamo de vida.

Meu apartamento no Bixiga é um museu de silêncios. Três mil e quatrocentos e dezesseis frascos ocupam prateleiras que construí com as próprias mãos, cada um etiquetado com data, local e circunstância. Organizo-os por categorias: Arrependimentos (a seção mais extensa), Declarações de Amor, Confissões, Nomes de Filhos Nunca Nascidos, Últimos Desejos.

O frasco mais antigo, aquele primeiro "Perdão", ocupa lugar de honra na estante central. O mais recente — "Eu sabia", coletado ontem no Sírio-Libanês, ainda repousa sobre minha mesa, aguardando classificação.

Trabalho como técnico em radiologia há vinte e oito anos. É a profissão perfeita para meu dom peculiar: circulo pelos hospitais como sombra, invisível aos médicos, ignorado pelos familiares, presente apenas o suficiente para estar lá quando as palavras finais se recusam a nascer.

Nunca me casei. Nunca tive filhos. Nunca pronunciei uma declaração de amor que não fosse ecoar vazia em meu próprio peito. Como poderia? Minha vida é feita do que outros não conseguiram dizer.

Foi na madrugada de terça-feira que percebi algo errado.

Estava no plantão noturno quando senti a primeira pontada no peito, não dor física, mas algo mais profundo, como se uma palavra estivesse tentando se formar em meus pulmões. Ignorei. Aos quarenta e nove anos, meu corpo já havia começado a cobrar o preço de décadas respirando o ar viciado dos hospitais.

Mas na quinta-feira, durante o exame de uma senhora com câncer no pâncreas, ouvi distintamente alguém sussurrar meu nome.

Virei-me. O corredor estava vazio.

A senhora morreu três horas depois. Suas últimas palavras não pronunciadas foram "Obrigada pela música", ela havia sido pianista. Guardei-as no frasco 3.417, mas minhas mãos tremiam enquanto escrevia a etiqueta.

CONTINUA...



@poetajbwolf

CULTURA

Pluralidade de Ideias: Por que a cultura floresce no debate e não no consenso

Descubra como a fricção de ideias, não o consenso, é o verdadeiro motor da cultura viva



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Não é no aplauso uníssono que a cultura pulsa. A cultura respira melhor quando há fricção, quando ideias se espremem entre si e provocam rachaduras nas certezas. É nesse campo de atrito, onde o diverso se encontra, o incômodo se instala e a escuta se amplia, que a cultura floresce. Não no silêncio do consenso imposto, mas na barulheira do pensamento plural.

Talvez porque a cultura, em sua essência, nunca foi um lugar de conforto. Sempre foi uma travessia. Uma travessia feita de vozes dissonantes, de narrativas que se cruzam sem se fundirem, de corpos que dançam fora do compasso do padrão. E é exatamente essa desobediência estética, política e existencial que a torna viva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/08/2025"

A cultura não cabe em fórmulas. Nem em molduras. Ela escorre. E escancara. Ela desafia o uníssono que cala, o dogma que paralisa, o moralismo que mutila. Quando tentam domesticar a cultura com o consenso, aquele que dita o que é "bom", "bonito" e "aceitável", o que resta é um produto empacotado, mas sem alma. Cultura verdadeira não é vitrine, é corpo que sangra e se reinventa.

Por isso, é no debate, mesmo nos desconfortáveis, nos acalorados, nos que colocam em xeque nossas próprias convicções, que ela se fortalece. Porque o confronto de ideias não é guerra, é fermento. Onde há diversidade de vozes, há construção de mundo. Onde há escuta ativa, há possibilidade de cura social. E onde há cultura, há memória, denúncia, reexistência.



Cultura não é ornamento. É instrumento de luta e de amor. É por meio dela que comunidades marginalizadas contam suas histórias sem pedir licença, que crianças se enxergam protagonistas, que mulheres gritam o que por séculos foram obrigadas a sussurrar. É a arte que ocupa, que provoca, que incomoda, que questiona o status

quo. E que, justamente por isso, precisa da pluralidade para não adoecer de obediência.

A cultura floresce no debate porque é ali que ela se nutre da diferença. Porque é ali que ela aprende a questionar. Porque é ali que ela se entende como campo fértil de subjetividades e não como solo cimentado pela opinião dominante.



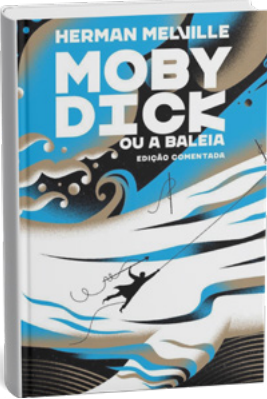
Então, da próxima vez que alguém tentar reduzir a cultura a um palanque de concordâncias, lembre-se: cultura que não debate é cultura em coma. Que sejamos, sempre, a voz que destoa. A cor que escapa da paleta. O poema que não cabe no papel. Porque a cultura que sobrevive é a que ousa ser plural.

Clássicos do Mundo - Resenha

GÊNERO - Resenha

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Moby Dick: A Obra-Prima Indomável de Herman Melville



FAZER DOWNLOAD



"Moby Dick" não é um livro que você lê, é um oceano no qual você se afoga voluntariamente. Herman Melville criou muito mais que uma história de caça às baleias; ele forjou uma das meditações mais profundas sobre a arrogância humana já escritas.

A história aparentemente simples segue Ismael, que embarca no Pequod em busca de aventura, mas encontra algo muito mais perigoso: o Capitão Ahab e sua obsessão mortal por uma baleia branca que destruiu sua perna. O que começa como expedição comercial se transforma em uma jornada ao coração das trevas da alma humana.



A genialidade de Melville está em transformar uma caçada em alegoria universal. Ahab representa nossa eterna necessidade de dominar aquilo que deveria ser respeitado. Em tempos de crise climática e manipulação genética, sua obsessão ecoa assombrosamente em nossa própria relação destrutiva com a natureza. Não é coincidência que esta obra de 1851 pareça ter sido escrita para nossa época.



Sim, é um livro exigente. Os capítulos sobre anatomia de baleias podem cansar. A linguagem do século XIX requer paciência. Mas essas "dificuldades" são parte da experiência - Melville queria que você trabalhasse para compreender suas verdades mais profundas. Como o próprio autor disse através de Ismael, algumas verdades só se revelam para quem está disposto a navegar águas turbulentas.

Ahab é aterradorante em sua humanidade - não é um vilão tradicional, mas um homem consumido pela necessidade de impor sua vontade sobre o universo. Sua monomaníaca busca transcende vingança pessoal e se torna guerra contra a própria natureza da realidade. Ismael oferece o contraponto contemplativo

necessário, sua voz equilibrando a intensidade obsessiva do capitão, enquanto Queequeg representa uma das amizades mais genuínas da literatura mundial.

A prosa de Melville é oceânica em amplitude e profundidade, alternando entre lirismo poético e precisão enciclopédica. Ele domina todos os registros da linguagem humana, criando passagens de beleza quase bíblica que contrastam com momentos de brutalidade direta. Essa versatilidade estilística espelha a própria natureza do oceano - às vezes calmo e contemplativo, outras tempestuoso e avassalador.

"Moby Dick" é literatura no seu mais alto nível: desafiadora, transformadora, eternamente relevante. Não é entretenimento fácil, mas uma experiência que mudará sua percepção sobre obsessão, natureza e os limites da ambição humana. Como o próprio oceano que retrata, é vasto, misterioso e infinitamente recompensador para quem tem coragem de mergulhar em suas profundezas. Esta é uma obra para leitores que buscam profundidade e estão dispostos a trabalhar por suas revelações - e que compreenderão que algumas das maiores verdades da literatura exigem exatamente esse tipo de dedicação.

O EMBATE ENTRE O HOMEM E A NATUREZA



MÚSICA

Música como linguagem universal: O que a neurociência revela sobre a comunicação sonora



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

COMPORTAMENTO

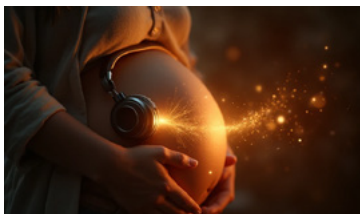
"Descobertas científicas sobre como o cérebro processa música e por que ela transcende barreiras culturais e linguísticas"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/08/2025"

Ao longo da história, a música atravessou culturas, fronteiras e línguas sem precisar de tradução. Quando palavras falham, a música fala. Mas por quê? O que existe nas vibrações sonoras que nos conecta de forma tão imediata e profunda? A neurociência tem algumas respostas e elas são surpreendentes.

Nosso cérebro é naturalmente programado para perceber padrões, ritmos e variações de tom. Desde o útero, o feto já responde à musicalidade da voz materna, e isso mostra como o sistema auditivo é um dos primeiros a se desenvolver, sendo também um dos últimos a se desligar no processo de morte. Isso nos diz algo: a música habita regiões muito primárias e essenciais do cérebro humano.



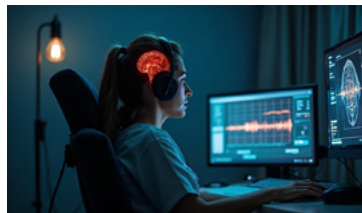
A área de Broca, tradicionalmente associada à linguagem, também se ativa com a música. O mesmo ocorre com o córtex auditivo e áreas ligadas à emoção, como a amígdala e o hipocampo. Isso significa que a música não é apenas percebida como som, mas como experiência emocional e simbólica. Estudos com neuroimagem mostram que canções que

nos emocionam ativam o núcleo accumbens, liberando dopamina: o neurotransmissor do prazer. Em outras palavras, sentimos a música antes mesmo de entendê-la.

Mais do que isso, a música rompe as barreiras da linguagem formal, pois pode expressar tristeza, alegria, nostalgia, tensão ou alívio de maneira quase universal. Um experimento realizado na Finlândia mostrou que pessoas de diferentes nacionalidades, ao ouvirem composições com tons maiores e menores, conseguiam identificar as emoções transmitidas mesmo sem conhecer a cultura de origem.

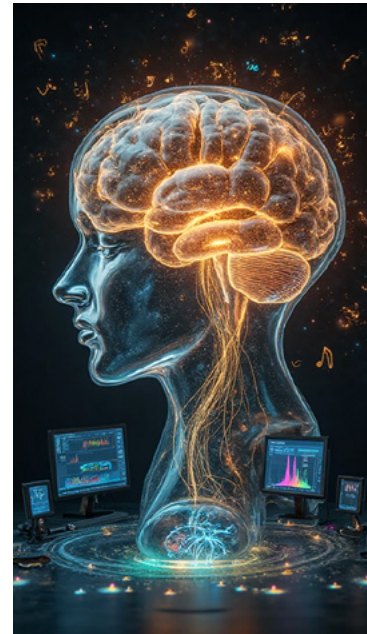


Do ponto de vista evolutivo, acredita-se que a música tenha servido como ferramenta de coesão social. Tribos antigas usavam cantos e tambores para se unir, comunicar perigos ou celebrar rituais. Hoje, o que muda é o palco: estádios, fones de ouvido ou playlists compartilhadas. Mas o efeito continua: a música nos faz sentir parte de algo maior.



Em tempos de hiperconexão digital e isolamento emocional, talvez a música seja uma das poucas linguagens que ainda tocam o que há de mais humano em nós. Como neurocientista e terapeuta, observo em meus atendimentos como determinadas frequências podem reprogramar padrões mentais, evocar memórias e liberar traumas. E como astróloga, vejo que há algo

profundamente cósmico nisso tudo, afinal, até os planetas emitem som.



A música é mais do que entretenimento: é ponte, é cura, é linguagem da alma. E a ciência está apenas começando a decifrar sua gramática invisível.



ANÁLISE DOS DADOS APRESENTADOS

Principais Insights dos Gráficos:

Gráfico 1 - Ativação Cerebral:

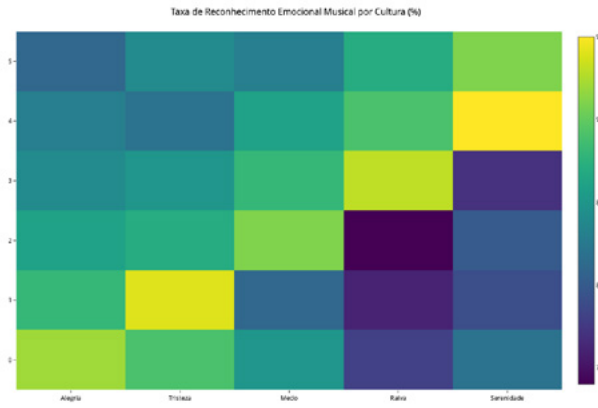
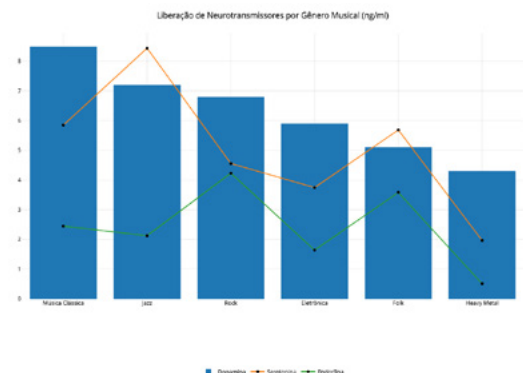
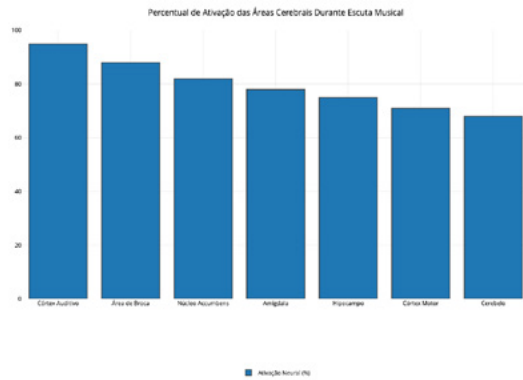
- Córtex Auditivo lidera com 95% de ativação (processamento sonoro primário)
- Área de Broca com 88% confirma conexão música-linguagem
- Núcleo Accumbens (82%) valida liberação de dopamina e prazer
- Áreas emocionais (Amígdala 78%, Hipocampo 75%) demonstram impacto afetivo

Gráfico 2 - Neurotransmissores:

- Música Clássica gera maior liberação de dopamina (8.5 ng/ml)
- Jazz equilibra dopamina e serotonina de forma otimizada
- Folk produz picos de endorfina (5.2 ng/ml) - efeito analgésico natural
- Heavy Metal tem menor impacto geral nos neurotransmissores do bem-estar

Gráfico 3 - Universalidade Cultural:

- Alegria é mais universalmente reconhecida (média 86%)
- Tristeza também transcende culturas facilmente (média 88%)
- Medo e Raiva têm reconhecimento mais variável entre culturas
- Serenidade mostra padrões consistentes globalmente



Implicações Neurocientíficas:

- Processamento Multissistêmico: Música ativa simultaneamente áreas de linguagem, emoção, movimento e recompensa
- Especificidade de Gênero: Diferentes estilos musicais produzem perfis neuroquímicos distintos
- Universalidade Emocional: Emoções básicas são reconhecidas transculturalmente através da música
- Potencial Terapêutico: Dados suportam uso direcionado de música para modulação neuroquímica

Aplicações Práticas:

- Musicoterapia: Seleção de gêneros baseada em objetivos neuroquímicos específicos
- Educação Musical: Compreensão científica da resposta cerebral à música
- Tratamento Clínico: Uso de música para modulação de humor e cognição
- Pesquisa Intercultural: Validação da música como linguagem universal

Estes gráficos demonstram cientificamente por que a música funciona como linguagem universal, revelando os mecanismos neurológicos que permitem comunicação emocional transcultural através do som.

HISTÓRIA

Invasão Japonesa na Coreia e sua retomada em K-Dramas Históricos:

Como a Coreia do Sul usa o entretenimento para reescrever sua narrativa histórica



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduiche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp



IMAGEM GERADA POR IA "usando Leonardo ia, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/08/2025"



No dia 15 de agosto de 2025, a Coreia do Sul comemora o feriado nacional da Libertação, quando a nação coreana, ainda com um único país, se viu livre do domínio do império japonês, rendido ao final da Segunda Guerra Mundial. Entre narrativas sobre o ataque norte-americano e a rendição nipônica, pouco se comenta o que aconteceu na Ásia durante este período das Grandes Guerras do século XX.

O imperialismo japonês no século XX afetou diversos países da península asiática, incluindo China, Filipinas, Malásia, Singapura, Myanmar, entre outras ilhas em torno e nas proximidades da Oceania. Porém, o caso da Coreia se diferencia pelo sufocamento cultural e social, além da brutalidade do governo japonês e por cicatrizes históricas incuráveis até a atualidade.



A instabilidade política da Coreia – reflexo de abertura cultural para o Ocidente, um processo iluminista de conhecimento, a chegada do cristianismo e o questionamento das classes sociais confucionistas – abriria caminho para a dominação japonesa, que justificou sua entrada para controlar revoltas populares e moldar o futuro da Coreia para a modernidade. Porém, o que ocorre é um retrocesso, especialmente após 1910, com a anexação oficial da Coreia ao Japão.

O domínio japonês teve consequências notáveis para os coreanos: o idioma do país foi abolido, bem como a obrigatoriedade do uso do japonês; os nomes coreanos também foram substituídos; era obrigatório reverenciar o imper-

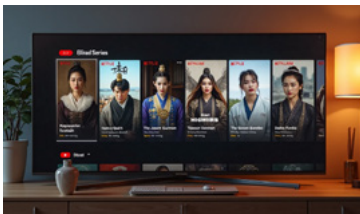
ador japonês; perda de artefatos arqueológicos nacionais; discriminação médica em hospitais; recrutamento de coreanos para trabalhos forçados em fábricas e minas; exploração econômica para servir ao Japão com recursos naturais e minerais; censura cultural e social e violência e perseguição popular.



Mas um dos espinhos mais profundos que permanece são as mulheres de conforto: meninas levadas à força de suas famílias para servir como escravas sexuais a soldados japoneses, provindas de todos os países asiáticos invadidos, mas que 80% de cerca de 200.000 mulheres eram coreanas. E, após a guerra, tendo sido estupradas, perdendo sua virgindade – ou seja, sua honra de

acordo com o confucionismo –, além de adquirirem doenças e sofrido abortos, as sobreviventes foram abandonadas, sem conseguirem voltar para suas casas e encararem seus pais.

Até os dias de hoje, o Japão não pediu desculpas formais e aceitáveis para a Coreia (tanto do Sul quanto do Norte) pelos crimes de guerra cometidos contra a população e à nação coreana, que teve sua cultura fragmentada, a sociedade fragilizada e economia destruída após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, após se reerguer e rugir como um Tigre Asiático, a Coreia do Sul tem usado a Onda Pop Coreana para contar sua própria versão de sua história, ganhando voz onde antes fora silenciada.



Os K-dramas, séries de formatos curtos (cerca de 20 episódios de 1 hora), disponibilizados em plataformas de streaming, têm atingido um sucesso estrondoso ao redor do mundo, e são uma ferramenta para tornar acessíveis narrativas sobre o passado em dramas históricos, como pode ser exemplificado pela produção “Mr. Sunshine” (2018), produzida em parceria com a Netflix, narra o início da invasão japonesa e a formação do exército dos Justos, um dos muitos movimentos de resistência que lutaram na Coreia entre 1900 e 1945.

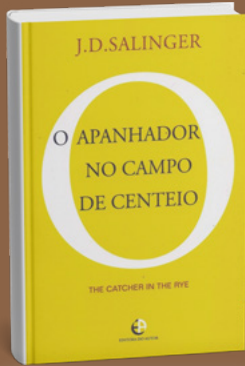
E apesar de “Mr. Sunshine” ganhar destaque, não foi a única produção que buscou ressuscitar as marcas da invasão japonesa para o mundo ver: o minidrama “Hhmn of Death” (2018) traz personagens reais para retratar a repressão cultural e artística; “The Joseon Gunman” (2014) responsabiliza as elites pela fragilidade que ajudaria a invasão; “Song of the Bandits” conta sobre o Massacre de Gando ao estilo Velho Oeste. E assim, se demonstra que a Coreia do Sul tem revivido o seu passado para que se faça conhecido no Ocidente, e principalmente, para reviver a memória dos fatos pela ficção.



RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

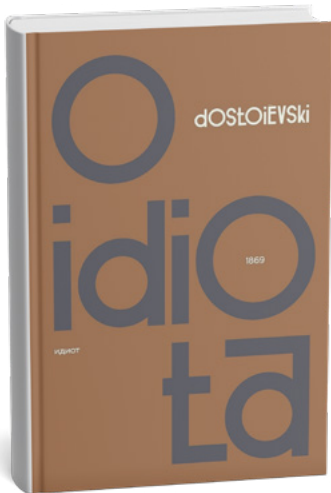
O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



FAZER DOWNLOAD

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, consequentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

EDUCAÇÃO

De Volta ao Essencial: O Papel Insusbtituível dos Pais na Formação dos Filhos

EDUCAÇÃO - Análise sobre a importância fundamental da presença parental na educação integral das crianças

VISÃO - O papel fundamental dos pais na educação integral dos filhos

POR
The Bard News, Redação

“Análise sobre a importância fundamental da presença parental na educação integral das crianças e formação de valores essenciais para a vida”

A verdadeira educação de uma criança não acontece apenas na sala de aula. Por mais que a escola seja fundamental para o conhecimento, é em casa, nos momentos mais simples, que se ergue a base de valores e emoções que definirá quem essa criança se tornará. O problema é que, em um mundo acelerado, onde a correria engole o tempo em família e a educação foca em números, o papel dos pais parece ter se perdido no caminho. A questão que fica é: como podemos, como pais, retomar as rédeas e garantir que nossos filhos se tornem não apenas bons alunos, mas pessoas completas e prontas para a vida?

O médico e escritor Leonard Sax, em seu livro “The Collapse of Parenting”, aponta para um dos grandes dilemas de hoje: os pais perderam autoridade e se afastaram, deixando um vazio que é rapidamente preenchido por telas e redes sociais. Esse vácuo, segundo ele, está criando jovens com poucos limites e quase nenhuma ferramenta para lidar com os desafios do mundo real. E não é apenas uma percepção. Dados do Pew Research Center mostram que crianças com pais ativamente presentes têm melhor desempenho escolar, são mais sociáveis e possuem uma autoestima mais forte.

Mas o que é "estar presente" de verdade? Não é só fiscalizar o dever de casa ou aparecer nas reuniões da escola. É mergulhar junto, guiar escolhas, conversar sobre medos e sonhos e, principalmente, ser o exemplo. A formação acontece no dia a dia: na mesa do jantar, nas conversas no fim do dia e até no silêncio compartilhado que conforta.

Historicamente, era assim que funcionava. Antes mesmo que as escolas existissem como as conhecemos, o lar era a grande sala de aula. Valores como respeito, honestidade e empatia não eram ensinados com discursos, mas vividos na prática, observados na dinâmica familiar. Era um aprendizado orgânico, que moldava o caráter de forma natural.

Hoje, a realidade é outra. Vivemos para a produtividade, e a rotina muitas vezes joga pais e filhos em horários que não se cruzam. Com isso, muitas famílias acabam delegando, sem perceber, o que é mais valioso para a escola ou, pior, para a mídia. A escola pode ensinar matemática e história, mas valores como a compaixão e a integridade precisam nascer em casa. Afinal, antes de sonhar com uma carreira, toda criança precisa aprender a ser humana.

Há países que mostram que esse equilíbrio é possível. No Japão e na Finlândia, a parceria entre família e escola é tão natural quanto essencial. Os pais reforçam em casa o que é aprendido na escola e, ao mesmo tempo, mantêm vivas as tradições. Infelizmente, no Ocidente, essa conexão vital está cada vez mais frágil.

A questão vai além do sucesso individual de cada criança; trata-se do futuro que estamos construindo juntos. Educar apenas para resultados cria profissionais tecnicamente brilhantes, mas despreparados para dilemas éticos e desafios coletivos. Já as crianças que crescem em lares onde o diálogo, o exemplo e a cultura são o alicerce, têm tudo para se tornarem adultos com pensamento crítico, engajados e conscientes do seu papel no mundo.

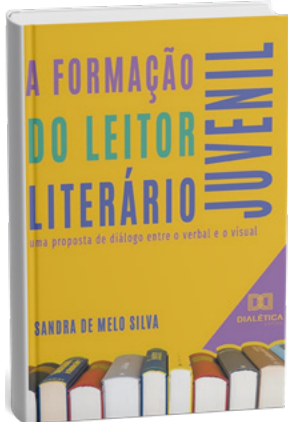
E retomar esse protagonismo não exige fórmulas mágicas. Muitas vezes, a mudança está nos gestos mais simples. Um jantar sem o som das notificações. Uma caminhada no fim de tarde. Uma conversa sincera antes de dormir. Acompanhar a lição de casa pode ser uma chance de aprender junto, e não apenas de cobrar. Discutir as notícias do dia pode ensinar mais sobre o mundo do que qualquer livro. Mas, acima de tudo, é preciso lembrar: o exemplo não é a melhor forma de ensinar. É a única. As crianças nos observam o tempo todo. Nosso comportamento é a lição mais poderosa que elas receberão.

A educação começa em casa, e os pais não são apenas provedores. São os primeiros e mais importantes mestres de seus filhos. Ao assumirem esse papel com amor e presença, não estão apenas investindo no futuro profissional de uma criança. Estão esculpindo o caráter de um cidadão que ajudará a construir uma sociedade mais forte, justa e empática.

Educar é muito mais do que preparar para provas. É um ato de amor, um compromisso com o que virá. Ao presentear os filhos com tempo, exemplo e valores, os pais estão, na verdade, presenteando o mundo. E esse é, sem dúvida, o maior legado que uma família pode deixar.



Indicação de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicação de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que e ser adolescente hoje, definir o que e um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

EDUCAÇÃO

Três Faces do Analfabetismo: Tradicional, Funcional e Digital no Brasil

EDUCAÇÃO - Análise dos desafios educacionais contemporâneos e caminhos para uma sociedade mais inclusiva



Por Cleopatra Melo
COLUNISTA

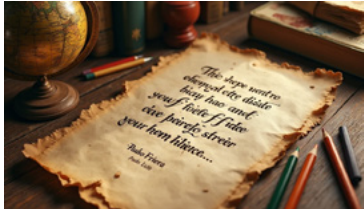
Bacharel em Direito e Filosofia, Licenciada em Letras. Pós-Graduada em Direito Educacional, Autismo, ABA para TEA e Deficiência Intelectual, Teoria da Literatura e Produção Textual. Pós-Graduada em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária. Professora de Literatura e Educador Leitor.
@cleo_fonsecamel

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”

- Paulo Freire.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2025"



O analfabeto do século XXI não será aquele que não consegue ler e escrever, mas aquele que não consegue aprender, desaprender e reaprender. Tal é a importância da adaptação e da atualização constante em um mundo em rápida transformação, onde a capacidade de aprender novas habilidades e conhecimentos é fundamental.

Vamos abordar neste artigo três tipos de analfabetismo que afetam significativamente o desenvolvimento social, econômico e educacional no Brasil: o analfabetismo tradicional, o analfabetismo funcional e o analfabetismo digital. As causas, consequências e possíveis caminhos para superação desses desafios, destacando a importância de políticas públicas eficazes, formação docente e acesso igualitário à informação e tecnologia.



O analfabetismo é um dos grandes obstáculos ao pleno exercício da cidadania e ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Com o passar das décadas, embora o número de pessoas que não sabem ler e escrever tenha diminuído, novas formas de exclusão surgiram, como o analfabetismo funcional e o analfabetismo digital. Estas categorias refletem não apenas a limitação de acesso à educação básica de qualidade, mas também a complexidade das exigências do Mundo contemporâneo.



O analfabetismo tradicional refere-se à incapacidade de ler e escrever frases simples. Segundo dados do IBGE 2023, cerca de 5,6% da população brasileira com 15 anos ou mais ainda é analfabeta. Essa condição está fortemente associada à pobreza, à exclusão social e às desigualdades regionais, sendo mais prevalente nas regiões Norte e Nordeste, entre idosos, pessoas negras e moradores de áreas rurais. O impacto do analfabetismo se reflete em todas as esferas da vida, limitando o acesso ao emprego, à informação, à participação política e ao direito à educação continuada.

Mesmo entre aqueles que sabem ler e escrever, muitos enfrentam dificuldades para compreender e interpretar textos, resolver problemas simples de matemática ou aplicar conhecimentos na prática do dia a dia. Essa condição é conhecida como analfabetismo funcional. No Brasil, estima-se que cerca de 29% da população adulta esteja nessa situação. O analfabeto funcional pode ser um cidadão formalmente alfabetizado, mas com habilidades insuficientes para lidar com as demandas cognitivas do trabalho, da leitura crítica da mídia ou do uso de serviços públicos.

A raiz do analfabetismo funcional está, muitas vezes, na qualidade precária da educação básica, na falta de estímulo à leitura e na ausência de políticas de formação continuada. Essa forma de analfabetismo é ainda mais perigosa por ser invisível, dificultando o diagnóstico e a implementação de políticas públicas eficazes.



Com a expansão da tecnologia, um novo tipo de exclusão ganhou destaque: o analfabetismo digital. Esse termo se refere à dificuldade ou incapacidade de utilizar ferramentas tecnológicas

básicas, como computadores, smartphones e internet. No contexto atual, em que muitos serviços são oferecidos exclusivamente em formato digital, esse tipo de analfabetismo representa uma forma grave de exclusão social.

Muitos brasileiros, especialmente os mais pobres, idosos ou habitantes de áreas rurais, não têm acesso à internet ou carecem de habilidades para lidar com aplicativos de governo, bancos, educação a distância ou plataformas de saúde. O analfabetismo digital não é apenas técnico, mas também crítico, pois envolve a habilidade de filtrar informações, identificar notícias falsas e navegar de forma segura pelo ambiente online.

As diferentes formas de analfabetismo impactam diretamente o desenvolvimento de um país. Do ponto de vista econômico, reduzem a produtividade, aumentam o desemprego e comprometem a competitividade nacional. Socialmente, dificultam o acesso a direitos básicos e perpetuam ciclos de exclusão e pobreza. Além disso, limitam a participação crítica do cidadão na vida pública.

Combater o analfabetismo em todas as suas formas exige ações coordenadas entre governo, escolas, universidades e sociedade civil. Algumas estratégias fundamentais incluem: Investimento na educação básica de qualidade, com foco em alfabetização; formação continuada de professores, com ênfase em metodologias ativas e ensino interdisciplinar; programas de educação de jovens e adultos (EJA) que

incluam habilidades funcionais e digitais; acesso à internet e inclusão digital nas escolas públicas, com capacitação de alunos e docentes; campanhas de incentivo à leitura e ao uso crítico da informação etc.

No Brasil a triste constatação é que analfabetismo, analfabetismo funcional e analfabetismo digital são faces distintas de um mesmo problema: a desigualdade no acesso ao conhecimento. Superá-las é um dos maiores desafios da educação contemporânea e um passo essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa. O conhecimento, em suas múltiplas formas, precisa ser visto como direito básico e condição para a cidadania plena.

ANÁLISE DOS DADOS APRESENTADOS

Principais Insights dos Gráficos:

- 1 - Desigualdade Regional Extrema:** Nordeste tem taxa 5x maior que Sudeste
- 2 - Tendência de Melhoria Lenta:** Redução de apenas 1,6% em 7 anos
- 3 - Analfabetismo Funcional Crítico:** Afeta quase 1/3 da população adulta
- 4 - Exclusão Digital Massiva:** 36% sem acesso adequado à internet
- 5 - Impacto Etário Severo:** Idosos são os mais afetados em todos os tipos
- 6 - Desigualdade Racial Persistente:** População negra 2,5x mais afetada

Dados-Chave para Políticas Públicas:

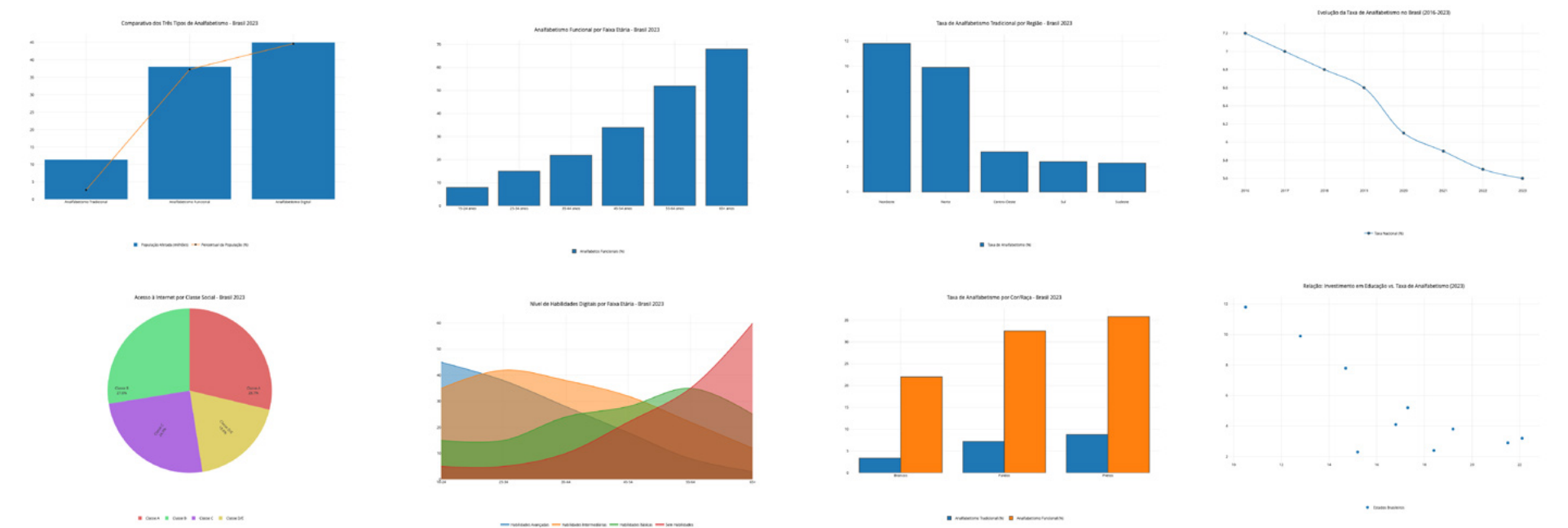
- **11,4 milhões** de brasileiros não sabem ler/escrever
- **38 milhões** são analfabetos funcionais
- **45 milhões** têm limitações digitais severas
- **Classe D/E:** apenas 64% com acesso à internet
- **Nordeste:** concentra 40% dos analfabetos do país

Recomendações Baseadas nos Dados:

- **Foco Regional:** Priorizar investimentos no Nordeste e Norte
- **Abordagem Geracional:** Programas específicos para idosos
- **Inclusão Racial:** Políticas afirmativas para população negra
- **Integração Digital:** Combinar alfabetização com inclusão tecnológica
- **Educação Continuada:** Fortalecer programas de EJA com componente digital

Estes gráficos revelam a complexidade e urgência do desafio educacional brasileiro, mostrando que os três tipos de analfabetismo se sobrepõem e exigem abordagem integrada e multidimensional.

Estes gráficos revelam a complexidade e urgência do desafio educacional brasileiro, mostrando que os três tipos de analfabetismo se sobrepõem e exigem abordagem integrada e multidimensional.



FILOSOFIA

O Sentido da Vida: Grandes Filósofos Respondem à Pergunta Fundamental



Por Edna Lessa
COLONISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard

@ednalessa_escritora

FILOSOFIA

"Jornada através das principais correntes filosóficas que buscaram decifrar o mistério da existência humana"



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

Qual o sentido da vida?

Desde os primórdios, essa é uma inquietação que atravessa o pensamento humano em busca de sentido. O questionamento parece simples, mas carrega uma complexidade existencial profunda e não possui uma única resposta, por esta razão tem sido debatida por diversas culturas e pensadores ao longo da história. Filósofos, cientistas, artistas, religiosos e pessoas comuns viveram e vivem ao longo do tempo uma busca por respostas que parece não ter fim. Para alguns, o sentido da vida está relacionado à busca pela felicidade, realização pessoal, conexões significativas com outras pessoas, contribuições para o bem-estar da sociedade, ou até mesmo à busca por respostas

espirituais ou religiosas.

A Filosofia, por sua vez, oferece diversas perspectivas e pensadores distintos tentaram responder a esta pergunta fundamental com base em suas experiências e percepções.

Sobre isso, Sócrates entre sombras e ironias afirmou:

"Conhece-te a ti mesmo."

Não há sentido maior do que mergulhar no abismo da própria alma, pois quem ignora a si mesmo caminha sem mapa nem estrela. Para ele, viver sem reflexão é morrer em movimento.

Platão, com olhos voltados ao mundo das ideias, afirmou:

"O sentido está além do que se vê."

A vida, para ele, é a escada que leva do sensível ao inteligível, da caverna ao Sol. Viver é recordar — anamnésis — daquilo que a alma já soube antes de se esquecer no nascimento.

Aristóteles, acreditava numa vida plena e virtuosa, então ponderou:

"Eudaimonia: viver com excelência."

O sentido é tornar-se o que se é, realizar a própria natureza através da virtude. A vida boa não é um dom, mas um cultivo, como o jardineiro que conhece o tempo das sementes e a medida da chuva.

Nietzsche, incendiando ídolos, exclamou:

"Cria teu próprio sentido!"

Deus está morto, e com Ele as certezas fáceis. O homem é corda estendida sobre o abismo, entre o animal e o além-do-homem. A vida ganha sentido quando a vontade se afirma, quando o caos se aceita como solo fértil para dançar.

Camus, com uma pedra nos ombros, desafia os deuses:

"O absurdo é o solo fértil da liberdade."

Não há sentido dado. E no entanto, o homem deve imaginar-se feliz mesmo empurrando seu fardo. O valor está em resistir, em levantar-se, em dizer "sim" apesar de tudo.

E por fim, ouvimos Simone de Beauvoir, firme e luminosa, afirmar:

"A existência precede a essência."

Não nascemos prontos. Criamos quem somos na liberdade de nossos atos. Viver é assumir a responsabilidade de ser e de deixar o mundo diferente do que era antes de nós.

Assim, entre perguntas que gritam e respostas silenciosas, a vida se desenha como as primeiras páginas de um livro. Sobre a vida e o seu sentido, não existem mapas e bússolas que nos guiam para um único destino. A única certeza que parece existir é que a vida é uma travessia que se faz em meio a ideias, erros, acertos, paixões e recomeços. A vida é o que se busca enquanto já estamos vivendo. A reflexão sobre essas diferentes abordagens pode ajudar cada pessoa a encontrar seu próprio caminho e propósito na vida.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Filósofo de 2.400 Anos Atrás Já Sabia Como Seríamos Enganados pelas Redes Sociais

FILOSOFIA

"Platão previu as fake news: vivemos presos na caverna digital sem perceber"



POR
The Bard News, Redação
@thebardnews

Era uma manhã comum quando você acordou e checkou o celular. A primeira notícia que apareceu no feed dizia algo que confirmava exatamente o que você já pensava sobre política, saúde ou economia. Sem hesitar, você curtiu, comentou ou compartilhou. Afinal, fazia todo sentido, não é mesmo?

Você não sabia, mas acabara de repetir exatamente o comportamento que um filósofo grego havia descrito há mais de dois mil anos. Platão nunca imaginou smartphones ou algoritmos, mas sua famosa alegoria da caverna explica perfeitamente por que caímos tão facilmente nas armadilhas da desinformação digital.

A história que Platão contou é simples, mas assombrosamente atual. Imagine pessoas acorrentadas desde o nascimento no fundo de uma caverna escura, olhando sempre para a mesma parede. Atrás delas, uma fogueira projeta sombras de objetos que passam. Para esses prisioneiros, as sombras são a única realidade que conhecem. Quando alguém finalmente se liberta e vê o mundo real lá fora, os outros não acreditam. Preferem suas sombras familiares à verdade desconfortável.

Agora troque a caverna pelo seu feed do Instagram. As sombras são as informações que chegam até você, filtradas por algoritmos que decidem o que você deve ver. E assim como os prisioneiros antigos, muitas vezes preferimos nossas bolhas confortáveis à realidade complexa lá fora.

Quando você abre qualquer rede social, não está vendo o mundo como ele realmente é. Está vendo uma versão editada, personalizada especificamente para você. O algoritmo analisa milhares de dados sobre seus cliques, curtidas e tempo de permanência em cada post. Ele aprende seus preconceitos, seus medos, suas esperanças. E então alimenta você com mais do mesmo.

É como se cada um de nós vivesse em sua própria caverna particular, vendo apenas as sombras que confirmam o que já acreditamos. O resultado? Pessoas inteligentes e bem-intencionadas acabam espalhando informações falsas sem perceber.

Durante a pandemia, vimos isso acontecer em escala global. Profissionais respeitados compartilharam tratamentos sem comprovação científica. Pessoas com ensino superior repassaram teorias conspiratórias. Indivíduos experientes caíram em pegadinhas elaboradas. Por quê? Porque todos nós estamos sujeitos ao mesmo fenômeno que Platão descreveu: confundimos as sombras projetadas na parede com a realidade.

Na alegoria original, havia pessoas do lado de fora manipulando os objetos que criavam as sombras. Hoje temos nossos próprios manipuladores, só que muito mais sofisticados. Eles não usam fogueiras e objetos físicos. Usam inteligência artificial, análise de dados e psicologia comportamental.

Essas informações falsas não são criadas por acaso. São fabricadas deliberadamente por pessoas que entendem exatamente como nossos cérebros funcionam. Elas sabem que informações que confirmam nossos preconceitos se espalham mais rápido que a verdade. Sabem que manchetes emocionais geram mais cliques que análises ponderadas.

Platão acreditava que o conhecimento verdadeiro vinha da educação e do questionamento constante. Hoje, ironicamente,

temos acesso a mais informação do que qualquer geração anterior, mas parecemos mais confusos do que nunca. Por quê?

Porque informação não é conhecimento. Ter acesso a milhões de artigos, vídeos e posts não nos torna automaticamente mais sábios. Na verdade, pode ter o efeito contrário. Quando somos bombardeados com informações contraditórias, nossa tendência natural é nos refugiar naquilo que já acreditamos.

É o que os psicólogos chamam de viés de confirmação. Nosso cérebro está programado para buscar evidências que confirmem nossas crenças e ignorar aquelas que as contradizem. Os algoritmos das redes sociais exploram exatamente essa característica humana, criando o que os especialistas chamam de câmaras de eco.

Dentro dessas câmaras, nossas opiniões são constantemente reforçadas. Vemos apenas notícias que confirmam nossa visão política. Recebemos apenas informações que validam nossas escolhas de estilo de vida. É confortável, mas perigoso. Como os prisioneiros da caverna, começamos a confundir nossa perspectiva limitada com a realidade total.

Na história de Platão, o prisioneiro que se libertava enfrentava um processo doloroso. A luz do sol machucava seus olhos acostumados à escuridão. A realidade era mais complexa e menos confortável que as sombras familiares. Muitas vezes, ele queria voltar para a caverna.

No mundo digital, sair da caverna também dói. Significa questionar informações que queremos que sejam verdadeiras. Significa admitir que podemos estar errados sobre coisas importantes. Significa enfrentar a complexidade de um mundo onde raramente existem respostas simples para problemas complicados.

Para alguém que passou meses acreditando em determinada teoria, aceitar evidências em contrário não é apenas uma questão intelectual. É uma questão emocional. Significa admitir que talvez tenha tomado decisões equivocadas. É mais fácil continuar na caverna, vendo apenas as sombras que confirmam nossos medos e esperanças.

Então, como escapar da caverna digital? Platão sugeria que era preciso educação e coragem para questionar tudo o que acreditamos ser verdade. No contexto atual, isso se traduz em desenvolver o que os educadores chamam de letramento midiático.

Primeiro, precisamos diversificar nossas fontes de informação. Se você só lê notícias que confirmam suas opiniões, está criando sua própria caverna. Procure deliberadamente perspectivas diferentes. Leia veículos com linhas editoriais opostas. Siga pessoas nas redes sociais que pensam diferente de você.

Segundo, sempre verifique informações antes de compartilhar. Parece óbvio, mas quantas vezes você já repassou uma notícia sem checar se era verdadeira? Existem sites especializados em verificação de fatos que fazem esse trabalho. Use-os.

Terceiro, cultive a humildade intelectual. Esteja disposto a mudar de opinião quando apresentado a evidências convincentes. Os prisioneiros da caverna rejeitaram a verdade porque ela ameaçava sua visão de mundo. Não cometa o mesmo erro.

Quarto, questione suas próprias reações emocionais. Quando uma notícia desperta raiva, medo ou euforia imediata, pare. Respire. Pergunte-se: por que estou reagindo assim? Essa informação confirma algo que eu já acreditava? Existe outra perspectiva possível?

Na alegoria de Platão, o prisioneiro que escapava tinha uma responsabilidade moral: voltar e tentar libertar os outros, mesmo sabendo que seria rejeitado e ridicularizado. Hoje, quem desenvolve pensamento crítico e consegue navegar melhor no oceano de desinformação tem uma responsabilidade similar.

Isso não significa se tornar um patrulheiro chato que corrige todo mundo nas redes sociais. Significa compartilhar informações verificadas, promover diálogos respeitosos e, principalmente, dar o exemplo de como consumir mídia de forma crítica e responsável.

Quando descobrimos que uma informação que compartilhamos era falsa, não devemos apenas deletar o post. Devemos enviar uma correção e começar a verificar todas as informações antes de compartilhar. Pequenos gestos, grandes impactos.

Platão acreditava que a verdade existia e podia ser descoberta através da razão e do diálogo. Hoje, alguns questionam se existe uma verdade objetiva ou se tudo é questão de perspectiva. Mas independentemente dessa discussão filosófica, uma coisa é certa: precisamos de critérios compartilhados para distinguir informação confiável de desinformação.

A tecnologia que criou o problema também

pode fazer parte da solução. Algoritmos podem ser reprogramados para promover diversidade de perspectivas em vez de criar câmaras de eco. Inteligência artificial pode ajudar a detectar conteúdo manipulado. Mas no final, a responsabilidade é nossa.

Como Platão ensinou, a sabedoria começa com o reconhecimento da própria ignorância. No mundo digital, isso significa admitir que podemos estar errados, que nossas fontes podem estar enviesadas, e que a verdade muitas vezes é mais complexa do que um post de redes sociais pode expressar.

A próxima vez que você estiver navegando pelo Facebook, Instagram ou Twitter, lembre-se dos prisioneiros da caverna. Pergunte-se: isso que estou vendo são sombras na parede ou a realidade? E mais importante: estou disposto a sair da caverna, mesmo que a luz lá fora seja desconfortável?

Porque no final, como Platão sabia há mais de dois milênios, a liberdade intelectual vale qualquer desconforto temporário. E em uma era de fake news e desinformação, essa liberdade pode ser a diferença entre uma sociedade informada e uma civilização perdida nas sombras de suas próprias ilusões digitais.

O filósofo grego não podia imaginar que suas reflexões sobre prisioneiros em uma caverna se tornariam tão relevantes na era dos smartphones. Mas talvez seja exatamente isso que torna a filosofia tão poderosa: ela nos ajuda a entender padrões eternos do comportamento humano, independentemente da tecnologia disponível.

Hoje, mais do que nunca, precisamos da sabedoria de Platão para navegar em nosso mundo digital. Porque se não aprendermos a distinguir as sombras da realidade, corremos o risco de passar a vida inteira presos em nossas próprias cavernas virtuais, perdendo a oportunidade de ver o mundo como ele realmente é.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

A ciência da gratidão: Pequenas práticas que transformam o dia a dia.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Descubra os fundamentos científicos e neurológicos que tornam a gratidão uma ferramenta poderosa de bem-estar



A ciência da gratidão é um campo de estudo relativamente novo que investiga os efeitos psicológicos, neurológicos e físicos da prática regular do agradecimento. Podemos dizer que é um novo jeito de pensar, nos conduzindo a novas formas de ser e estar com as pessoas e com tudo que nos cerca. Os estudos científicos sobre a gratidão ganharam força a partir dos anos 2000,

quando a psicologia positiva emergiu como um campo de estudo legítimo. Desde então, as pesquisas têm crescido exponencialmente.

A gratidão é uma resposta à generosidade. O poeta Rumi (1207-1273) descobriu que o “sol era um símbolo perfeito de generosidade, uma vez que, que sua única característica é doar e prover, ele não retira nada.” Ou seja: ele nada exige, nada espera, sua única função é doar e prover. Segundo o filósofo Sêneca (2022, p.183), recebemos tanto alimento, tanta riqueza, tantas bênçãos que seria um absurdo não sentir gratidão.



Os estudos de Robert Emmons, psicólogo americano conhecido por seus estudos sobre gratidão e seu impacto na saúde mental e física, oferecem uma base científica sólida para a

compreensão dos benefícios da gratidão quando é utilizada para melhorar a nossa qualidade de vida em vários aspectos. O foco principal de sua pesquisa se concentra na psicologia da gratidão, alegria e graça e como elas se relacionam com o florescimento humano, com suas virtudes, envolvendo nossos sentimentos. Dessa forma, a junção entre pensamentos, sentimentos e interações, geram harmonia, entre nós, enquanto seres integrados ao todo e a tudo, na direção da felicidade, do amor, da luz.

A virtude da gratidão integra o agradecimento, bondade, generosidade, cujos comportamentos, geram alegrias, como: sermos gratos com o

amanhecer, em que a noite se transforma em dia, com o sol despertando a terra adormecida. Agradecer eleva os níveis de felicidade. A neurociência explica o fato de que quando acionamos esse mecanismo de gratidão, ativamos em nosso cérebro o sistema de recompensa que traz imediatamente a sensação de bem-estar, devido a liberação da dopamina, frequentemente associada à sensação de prazer e motivação, sendo conhecida como um dos “hormônios da felicidade. Hormônio responsável pela sensação de satisfação acompanhada de sentimento, quanto mais nos sentimos bem, mais vamos buscar a sensação de prazer. Serotonina estão associados à redução da depressão. Ocitocina Conhecida como o “hormônio do amor. Cortisol o “hormônio do estresse” reduz significativamente com a prática regular da gratidão

Dessa forma, agradecer pode e deve tornar-se um hábito, segundo os estudos do Dr. Robert Emmons, (2009); descobrindo em suas pesquisas, que uma pessoa que sente gratidão é capaz de lidar com mais eficácia com o estresse diário, tem mais resiliência diante das decepções e dificuldades, e tem mais saúde física. Seus achados nas pesquisas desenvolvidas, os levaram a concluir que a gratidão leva a sentimentos maiores de união, relacionamentos melhores e até mesmo altruísmo, priorizando o bem-estar dos outros. Ressalta que quando as pessoas são gratas, se sentem mais amorosas, mais capazes de perdoar e sentem-se mais próximas de Deus.

Outro aspecto a destacar, é o amor e a gratidão. Ambos andam juntos, porque envolvem apeço. A gratidão também, é uma forma de apeço, como o amor. Seria difícil amar alguém, sem apreciá-lo.

Por fim, sentimos gratidão por tudo de bom e belo que recebemos, como o sol, as estrelas, a lua, e a natureza, sem restrições.

São generosidades concedidas livremente.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/08/2025”

Linguagem simples: agilidade ou rebaixamento da comunicação?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

“Uma comunicação está em linguagem clara quando o texto, a estrutura e o design são tão claros que o público-alvo consegue encontrar facilmente o que procura, compreender o que encontrou e usar essa informação.”

Federação Internacional de Linguagem Clara



Você já ouviu sobre o conceito de “linguagem simples”? Essa ideia está cada vez mais em voga em um cenário em que a comunicação verbal é a principal ferramenta para se garantir a cidadania. Uma discussão sempre presente sobre o assunto é a dúvida se adotar uma linguagem descomplicada é sinônimo de agilidade e clareza, ou se pode gerar um rebaixamento da comunicação. Será que a simplificação poderia empobrecer a mensagem?

Também conhecida como plain language ou simple language, a linguagem simples objetiva comunicar ideias complexas de forma clara, direta e acessível a um público amplo. Seu objetivo primordial é garantir que a

complicadas. Não se trata, portanto, de sacrificar a integridade ou a profundidade do conteúdo, mas de transmiti-lo da maneira mais precisa e concisa possível. Isso porque, diferente do que de fato ocorre em nossa sociedade ainda tão desigual social e culturalmente, todos deveriam ter o direito de entender as informações que os afetam, independentemente de sua formação ou nível de escolaridade.

Prova da importância de as comunicações serem facilitadas foi o “Plain Writing Act”, assinado em outubro de 2010 pelo então presidente dos EUA, Barack Obama. Essa lei define que a escrita deva ser clara, concisa, bem organizada, seguindo as melhores práticas para o assunto, para a área e para o público-alvo. Com



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025”

mensagem seja facilmente compreendida desde a primeira leitura, sem chance de gerar interpretações equivocadas ou enviesadas. Para isso, evitam-se jargões técnicos, prolixidade, frases excessivamente longas e estruturas gramaticais

o mesmo objetivo, em 2011, uma lei brasileira impôs maior clareza à indústria farmacêutica no texto das bulas de remédio, para que fossem compreendidas pelo paciente.



No Brasil, há o trabalho pioneiro da jornalista Heloisa Fischer, que em 2017 lançou Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania, o primeiro livro em português sobre facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes de governo eletrônico. Como defensora da desburocratização da escrita, especialmente no setor público, Fischer, prova científica e pragmaticamente a linguagem hermética e complexa, muitas vezes utilizada por órgãos governamentais e instituições, não apenas dificulta a compreensão, mas também cria barreiras entre o Estado e o cidadão. Enquanto um pilar para a transparência e para a democracia, a linguagem simples é uma ferramenta de cidadania e inclusão.



Essa ferramenta conta com as seguintes técnicas: uso de frases e palavras curtas e comuns, na ordem direta e na voz ativa, com organização lógica e formatação que destaque as informações essenciais.



Por gerar informes visuais e claros, entende-se que a linguagem simples não consiste em um rebaixamento, mas em uma verdadeira fórmula de evolução da comunicação. Afinal, a comunicação verdadeiramente humana e empática deve contar com a premissa de ser entendida por todos aqueles a quem possa atingir.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

O segredo da felicidade na adolescência: Uma fase de autodescoberta e crescimento



Por Claudia Faggi
COLONISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

Faz mais ou menos uma semana e eu estava no elevador com o meu filho, um momento que faz parte da nossa rotina, algo normal, porém, deixou de ser quando o Luiz Fernando fez uma confissão: "Mãe, acho que eu não estou feliz com a minha rotina".

O meu coração ficou pequeno.

E como quem agarra um bote salva vidas em alto-mar, imediatamente, fiz a pergunta fatal: "Com a sua rotina ou com a sua vida?"

Meu filho não soube responder... e eu fui em busca de respostas...

A adolescência é uma fase única e desafiadora da vida, marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais. Será que é possível encontrar a felicidade durante esse período? É complexo, mas não é impossível. Fui buscar o que pode ser feito para mudar esse cenário.



Em conversa com amigas, psicólogas e educadoras descobri que o segredo está em cultivar hábitos e atitudes que promovam o bem-estar emocional, físico e social.

Construir boas relações

As conexões humanas são uma das chaves para a felicidade em qualquer fase da vida, mas na adolescência, têm um peso ainda maior. Relacionamentos saudáveis com familiares e amigos fornecem suporte emocional, senso de pertencimento e um espaço seguro para compartilhar pensamentos e sentimentos. Dedicar tempo para fortalecer esses laços, ouvindo atentamente e mostrando empatia, pode elevar a autoestima e a felicidade.

Descobrir paixões e talentos

Durante a adolescência, explorar interesses e talentos pode ser extremamente gratificante. Seja na música, no esporte, na escrita ou nas ciências, encontrar algo que desperte entusiasmo traz um senso de propósito e realização. Essas atividades não apenas ajudam a manter a mente ocupada, mas também proporcionam oportunidades de conhecer novas pessoas e desenvolver habilidades valiosas.

Praticar o autocuidado

Cuidar da saúde física e mental é essencial para a felicidade. Uma alimentação equilibrada, sono de qualidade e exercícios físicos regulares contribuem significativamente para o bem-estar. Além disso, práticas como meditação e reservar momentos para relaxar podem ajudar a gerenciar o estresse e as emoções intensas que muitas vezes surgem nessa fase.

Aceitar as mudanças

A adolescência é uma fase de transformações constantes. Aceitar que essas mudanças fazem parte do crescimento pode tornar o processo mais leve. Em vez de resistir às novas experiências ou sentir-se sobrecarregado pelas incertezas, é importante adotar uma atitude de curiosidade e aprendizado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2025"

Estabelecer metas realistas

Definir objetivos alcançáveis é outra forma de encontrar felicidade. Isso pode ser algo pequeno, como melhorar em uma matéria escolar, ou maior, como planejar o futuro. O importante é que essas metas sejam significativas e alinhadas com os valores pessoais. Cada conquista, por menor que seja, alimenta a motivação e a autoconfiança.

Ser gentil consigo mesmo

A pressão para atender às expectativas externas, seja da sociedade, dos amigos ou até das redes sociais, pode ser um grande obstáculo à felicidade. Aprender a ser gentil consigo mesmo e a reconhecer o próprio valor, independentemente de opiniões externas, é um passo crucial para uma vida mais feliz. Aceitar as falhas como parte do crescimento e tratar-se com compaixão são práticas que promovem o bem-estar emocional.



Contribuir para o mundo ao redor

Atos de bondade e altruísmo têm um impacto surpreendente na felicidade pessoal. Participar de atividades voluntárias, ajudar um amigo em necessidade ou simplesmente fazer algo bom para alguém pode criar um senso de propósito e conexão. Pequenos gestos têm o poder de iluminar o dia de outra pessoa e, ao mesmo tempo, tornar o adolescente mais feliz.

Essas são apenas algumas dicas, não existe uma resposta certa, ou uma cartilha que devemos

seguir. Eu acredito que o nosso amor é essencial para entender e respeitar esse momento de contradições. Para isso não é necessário manual de instruções.

Acho que a terapia é essencial, trabalhando aspectos importantes como compreender o mundo ao redor.

A terapia auxilia no próprio eu que pode estar perdido nessa confusão de sentimentos. Ajuda a desabafar, a sentir, a falar...

Muitas vezes não somos bons ouvintes, é preciso ouvir sem julgar. É imprescindível ter o coração aberto.



Seu Cérebro Está Viciado em Likes Estudos revelam que redes sociais alteram estrutura cerebral

COMPORTAMENTO
- Leia o artigo completo no Site com gráficos

POR
The Bard News, Redação

Estudos revelam que redes sociais alteram estrutura cerebral como drogas pesadas



Quando você ouve uma notificação no celular, seu cérebro libera dopamina no mesmo circuito neural ativado por cocaína e heroína. Isso não é metáfora - é neurociência comprovada por dezenas de estudos científicos.

Pesquisadores da Universidade da Califórnia utilizaram ressonância magnética para mapear cérebros de adolescentes usando redes sociais.

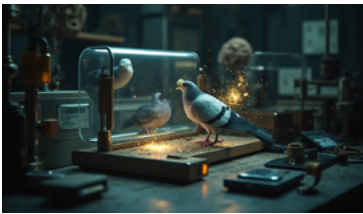
Os resultados, publicados na Psychological Science, mostraram que receber curtidas ativa intensamente o núcleo accumbens - a mesma região estimulada por drogas viciantes.

Segundo a King's College London, pessoas com dependência digital apresentam alterações no córtex pré-frontal idênticas às de dependentes químicos. A área do controle de impulsos literalmente encolhe com uso excessivo de smartphones.



Harvard acompanhou 2.300 pessoas por dois anos: 71% checavam o celular em 10 minutos após acordar, e 74% sentiam ansiedade sem acesso às redes por mais de uma hora. Exames mostraram que usuários pesados tinham densidade reduzida de matéria cinzenta - alteração idêntica à de dependentes de cocaína.

Stanford revelou como empresas exploram esses mecanismos. O sistema de "recompensas variáveis" das redes sociais baseia-se nos experimentos de B.F. Skinner, que provou que recompensas imprevisíveis geram comportamentos mais compulsivos.



Os números são alarmantes: verificamos o smartphone 144 vezes por dia, segundo a Universidade de Pennsylvania. Meta-análise com 15.000 participantes mostrou 70% mais depressão e ansiedade entre usuários intensos de redes sociais. Adolescentes com mais de 3 horas diárias têm 60% mais probabilidade de problemas mentais.

O fenômeno da "vibração fantasma" afeta 89% dos usuários, indicando hipervigilância constante. Neurocientistas descobriram que curtidas geram picos elétricos similares ao álcool, mas que diminuem com o tempo - exigindo doses maiores de validação.

Documentos vazados revelaram que o Facebook sabia dos danos do Instagram a adolescentes, mas não implementou mudanças para não reduzir engajamento.

A boa notícia: é reversível. Uma semana de "detox digital" reduz cortisol e melhora o sono. Após 30 dias, a matéria cinzenta se normaliza. Harvard descobriu que aguardar 10 segundos antes de abrir apps reduz uso compulsivo em 23%.

Estratégias eficazes incluem desligar notificações (reduz cortisol em 25%), manter o celular longe (melhora cognição em 10%), exercitar-se 20 minutos (reduz desejo por 2 horas) e meditar 8 semanas (fortalece autocontrole).

A OMS projeta que 30% da população mundial terá dependência tecnológica até 2030. Mas o cérebro mantém neuroplasticidade - os danos podem ser revertidos.

A próxima vez que sentir compulsão de checar o celular, lembre-se: não é escolha consciente, é seu cérebro buscando dopamina.

Conhecer a ciência é o primeiro passo para recuperar controle sobre sua própria mente.

Porque a tecnologia deveria amplificar nossa humanidade, não sequestrá-la.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

OPINIÃO

A Cultura do Cancelamento e a Morte da Conversa Civilizada

REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE COMO O CANCELAMENTO VIRTUAL SUBSTITUI DIÁLOGO POR DESTRUIÇÃO E ESCUTA POR VINGANÇA



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

A fogueira agora é virtual, mas o desejo é o mesmo: queimar o outro para aliviar as próprias angústias. Não se escuta, não se conversa, não se ensina. Cancela-se! Como se o erro do outro fosse um espelho intolerável. Como se apontar o dedo fosse mais urgente que estender a mão.

A cultura do cancelamento é o novo coliseu. Multidões famintas por um erro alheio, por um tropeço gravado em tela, por um nome a ser apagado do mundo. E, no centro, alguém sendo julgado por um deslize recortado, por uma fala descontextualizada, por uma versão higienizada da realidade.



"Reflexão crítica sobre como o cancelamento virtual substitui diálogo por destruição e escuta por vingança"



A civilidade morreu no mesmo instante em que preferimos viralizar um erro a compreendê-lo. A conversa deixou de ser ponte e virou trincheira. O outro virou inimigo. A escuta virou ameaça. E o pensar virou perigo!

Mas justiça que não educa é só vingança estilizada. E vingança travestida de moralidade é um veneno que adoça na entrada, mas corrói por dentro. O cancelamento não constrói. Ele interrompe. Interdita. Estanca o crescimento de quem poderia se tornar melhor.

Responsabilizar, sim. Silenciar, não! O erro deve ser janela, não cova. E toda evolução começa com desconforto, não com destruição.



O que se perdeu foi o sagrado da escuta. A coragem de sentar diante de quem pensa diferente e perguntar por quê. A humildade de reconhecer que ninguém nasce pronto. Que a consciência é escada e nem todo mundo começou do mesmo degrau.

E então me pergunto: de que serve tanta militância se ela é surda? De que serve tanto discurso se ninguém está disposto a ser contradito? A cultura do cancelamento não exige coerência, exige obediência! Quem escapa da cartilha, mesmo com boas intenções, é apagado.

Não há redenção para quem não se encaixa no roteiro. E não há evolução possível quando o medo cala mais que a reflexão.

Se não defendermos a conversa, vamos viver num mundo mudo de ideias e gritado de vaidades. E quem silencia o outro hoje, amanhã se cala sem perceber.

A morte da conversa civilizada é o luto da própria humanidade. E eu recuso esse funeral!



Geração Instantânea: A Epidemia Silenciosa Que Está Destruindo Nossa Sanidade Mental

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"Três segundos de espera já causam ansiedade. Filas viram tortura. A velocidade digital reprogramou nossos cérebros e as consequências são devastadoras."

Nossos cérebros foram literalmente reprogramados pela velocidade digital. Três segundos para um site carregar geram irritação. Quinze minutos sem resposta no WhatsApp criam ansiedade. Filas provocam estresse físico real. Não é simples impaciência - é uma transformação neurológica profunda que está causando uma epidemia silenciosa de deterioração mental.

Vivemos a primeira geração da história que transformou a espera em patologia. Há trinta anos, aguardar semanas por uma carta era normal. Esperar episódios semanais criava expectativa prazerosa. Relacionamentos se desenvolviam gradualmente. Hoje, qualquer demora é percebida como falha do sistema.

Cada inovação prometia mais tempo livre, mas criou o oposto: uma sociedade viciada em velocidade. Netflix eliminou esperas entre episódios. Google entrega resultados em milissegundos. WhatsApp exige respostas imediatas. Delivery substituiu o tempo de cozinhar.

Os sintomas estão normalizados: crianças em crise quando WiFi demora, adolescentes abandonando vídeos nos primeiros segundos, adultos verificando celulares 150 vezes por dia.

Desenvolvemos medo do tempo "perdido" - qualquer momento sem estímulo constante parece desperdício.

Perdemos capacidades fundamentais: antecipação prazerosa, tempo contemplativo, tolerância à frustração. Aqueles momentos "mortos" eram espaços preciosos para reflexão e criatividade. Hoje, preenchemos obsessivamente cada segundo, eliminando o diálogo interno que nos tornava conscientes.

As consequências psicológicas são devastadoras. Transtornos de ansiedade dispararam entre jovens digitais. A incapacidade de tolerar demoras gera estresse constante. A concentração profunda está se atrofiando - nossos cérebros rejeitam atividades que exigem tempo sem recompensa imediata.

O paradoxo cruel: as experiências mais valiosas não podem ser aceleradas. Criatividade exige incubação. Aprendizado profundo demanda repetição. Relacionamentos íntimos se

desenvolvem ao longo de anos. Cura emocional e crescimento pessoal operam em ritmos que não respondem à velocidade digital.

A cultura da velocidade promove o mito da eficiência, mas velocidade e qualidade são frequentemente inversas. Decisões rápidas são ruínas. Relacionamentos acelerados são superficiais. Multitasking reduz produtividade real.

Movimentos de resistência emergem: "slow living", mindfulness, detox digital, redescoberta de hobbies lentos. Reconquistar a paciência não é nostalgia - é sobrevivência mental. Estratégias incluem criar "zonas de lentidão", praticar espera consciente, valorizar processos sobre resultados.

Ensinar paciência às próximas gerações é crucial. Crianças precisam aprender que nem tudo pode ser instantâneo. A velocidade digital continuará acelerando, mas talvez percebamos que eliminar completamente a espera nos fez perder algo essencial sobre estar vivo.

A paciência não é obstáculo ao progresso - é condição para experiências profundas. As melhores coisas da vida - amor, sabedoria, beleza, crescimento - não podem ser baixadas instantaneamente. Exigem tempo, paciência e coragem de esperar.

Nossa impaciência não é falha de caráter, mas sintoma de reprogramação mental coletiva que precisa ser revertida. A humanidade sobreviveu milênios praticando a arte da espera. Nossa sanidade mental depende de recuperarmos essa habilidade fundamental perdida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

CRÍTICA

Literatura de Aeroporto: Mata o Prazer de Ler e Cria Geração de Falsos Leitores

Como Combater a Literatura de Aeroporto

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A resistência à literatura de aeroporto começa com uma mudança simples: parar de tratar livros como produtos de consumo rápido e voltar a vê-los como experiências que merecem tempo e atenção.

Primeiro, abandone as armadilhas comerciais das livrarias. Ignore mesas de lançamentos, displays promocionais e listas de mais vendidos. Explore seções menos movimentadas, procure editoras independentes como 34, Cosac Naify e Fósforo. Visite sebos onde tesouros literários aguardam descoberta longe do barulho comercial.

Desenvolva critérios próprios de qualidade. Desconfie de livros excessivamente longos sem necessidade narrativa, séries infinitas e obras vendidas através de comparações vazias. Leia sempre as primeiras páginas antes de comprar - a linguagem revela imediatamente se você está diante de literatura genuína ou produto industrial.

Pratique "leitura lenta". Leia menos livros, mas com profundidade. Releia trechos importantes, faça anotações, aceite que boa literatura exige esforço e recompensa com insights genuínos. Desenvolva tolerância à complexidade, começando com clássicos acessíveis e progredindo gradualmente.

Busque fontes confiáveis longe dos algoritmos comerciais. Siga críticos literários sérios, professores universitários, revistas especializadas. Explore literaturas marginalizadas: autores de editoras pequenas, traduções de países não-hegemônicos, poesia contemporânea.

Crie redes de resistência cultural. Forme clubes de leitura focados em qualidade, apoie livrarias independentes, compartilhe descobertas genuínas. Eduque outros leitores explicando diferenças entre entretenimento e literatura, sem pedantismo mas com firmeza.

O combate mais importante acontece na sua própria mente. Questione a compulsão por velocidade, a necessidade de "terminar logo", a ansiedade quando uma narrativa não oferece gratificação imediata. Redescubra o prazer de não entender tudo na primeira leitura, de voltar a trechos que revelam novas camadas.

Esta não é uma batalha elitista, mas uma questão de saúde cultural. Quando perdemos a capacidade de ler textos complexos, perdemos também a capacidade de pensar de forma complexa sobre o mundo. A literatura de aeroporto atrofia nossa reflexão, nossa tolerância à nuance, nossa habilidade de lidar com contradições.

Seu cérebro, condicionado pela dopamina fácil dos best-sellers, vai resistir inicialmente. Mas persista. Do outro lado dessa dificuldade está o verdadeiro prazer da leitura: aquele que expande vocabulário, desafia certezas, oferece insights profundos sobre a condição humana.

Comece hoje escolhendo um livro que vai desafiar você. Leia devagar, com atenção, sem pressa. Permita-se questionar, voltar atrás, pesquisar. A literatura de aeroporto conquistou o mercado, mas não precisa conquistar sua mente. O prazer genuíno da leitura ainda existe, esperando que você tenha coragem de procurá-lo além das pilhas de produtos descartáveis.

Combater a literatura de aeroporto é resistir à lógica que transforma tudo em mercadoria, inclusive nossa vida interior. É preservar espaços de reflexão e genuína transformação pessoal num mundo cada vez mais superficial e acelerado.



CRÍTICA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Indústria editorial transforma livros em fast-food cultural e destrói capacidade de reflexão

"Por que você lê 50 livros por ano mas não consegue terminar um clássico? A resposta está na manipulação da indústria editorial que transformou literatura em produto descartável. Descubra como os best-sellers estão matando sua capacidade de pensar e por que você pode estar se tornando um não-leitor disfarçado."

Você está na fila do aeroporto, olhando as prateleiras da livraria, e todos os livros parecem iguais. Capas brilhantes com tipografia dramática, títulos que prometem reviravoltas impossíveis de largar, sinopses que soam familiares mesmo sendo de autores diferentes. Você pega um, folheia rapidamente e reconhece a fórmula: capítulos curtos, linguagem simples, protagonista "relacionável". Compra, lê durante o voo, esquece no hotel.



Parabéns, você acabou de participar do maior esquema de destruição cultural dos últimos cinquenta anos.

A literatura virou fast-food. E assim como o McDonald's não mata sua fome de verdade, os best-sellers não estão alimentando sua mente - estão apenas criando a ilusão de que você está lendo.

Caminhe por qualquer livraria hoje e você verá o resultado de uma transformação radical que aconteceu nas últimas duas décadas. As editoras descobriram que livros podem ser fabricados como qualquer produto industrial: pesquise o que vende, extraia a fórmula, reproduza em massa, embale com marketing agressivo. O resultado são prateleiras abarrotadas de clones literários que diferem apenas no nome do autor.



A fórmula é simples e devastadoramente eficaz. Capítulos de no máximo três páginas para manter a atenção fragmentada. Linguagem reduzida ao vocabulário de um adolescente de quinze anos. Cliffhangers obrigatórios a cada final de capítulo, como episódios de novela. Protagonistas sem profundidade psicológica real, mas com traumas "relacionáveis" que servem como ganchos emocionais baratos.

Os gêneros se multiplicaram não por diversidade criativa, mas por segmentação de mercado. Thriller psicológico virou sinônimo de "mulher desconfia do marido por 300 páginas". Romance histórico significa "heroína anacrônica

com mentalidade do século XXI em vestido de época". Ficção científica se reduziu a fantasia com naves espaciais. Young Adult se tornou triângulos amorosos com criaturas sobrenaturais intercambiáveis.

O mais perverso é que essa industrialização criou uma geração de pessoas que se consideram grandes leitoras, mas perderam completamente a capacidade de ler literatura de verdade. Conhecem dezenas de autores contemporâneos, devoram lançamentos, participam de clubes de leitura online, mas não conseguem passar da página vinte de um clássico. Reclamam que Machado de Assis é "lento demais", que Clarice Lispector é "confusa", que Guimarães Rosa usa "palavras difíceis".



Essas pessoas leem cinquenta, sessenta livros por ano, mas seu vocabulário não se expande, sua capacidade de interpretação não se desenvolve, sua tolerância à complexidade narrativa diminui. São leitores que não sabem ler. Consumidores de texto que perderam o prazer da descoberta, da surpresa genuína, do desafio intelectual que a boa literatura sempre ofereceu.

A velocidade se tornou mais importante que a profundidade. Editoras estabelecem prazos impossíveis para autores, que passam a escrever no piloto automático. Revisões se tornaram superficiais porque o importante é manter o ritmo de lançamentos. Alguns "autores" chegam a publicar um livro por mês, obviamente usando ghostwriters ou fórmulas tão automatizadas que dispensam criatividade.

O marketing literário adotou as mesmas táticas da indústria do entretenimento. Livros são vendidos como "o novo fenômeno que você não pode perder", "impossível de largar", "perfeito para fãs de". As comparações se tornaram vazias: todo thriller é "o novo Gillian Flynn", todo romance é "o novo Nicholas Sparks". A originalidade virou pecado mortal porque confunde o algoritmo de recomendação.



Influencers literários promovem apenas lançamentos comerciais, criando um ciclo vicioso onde apenas livros com grande investimento em marketing ganham visibilidade. Pequenas editoras que publicam literatura de qualidade não conseguem competir com campanhas milionárias. Autores genuinamente talentosos permanecem invisíveis enquanto fábricas de best-sellers dominam as listas de mais vendidos.

A consequência mais grave é cultural. Estamos perdendo a capacidade coletiva de lidar com narrativas complexas, ambiguidade moral, sutileza psicológica. Uma geração inteira está sendo condicionada a esperar resoluções fáceis, personagens maniqueístas, conflitos que se resolvem em trezentas páginas. A literatura sempre foi o espaço onde exercitávamos nossa capacidade de pensar sobre questões difíceis, de tolerar incertezas, de expandir nossa compreensão da condição humana.

Quando transformamos livros em produtos de consumo rápido, perdemos essa função essencial. A leitura deixa de ser um exercício de crescimento intelectual e emocional para se tornar apenas mais uma forma de entretenimento passivo. Como assistir televisão, mas com a ilusão de que estamos fazendo algo culturalmente superior.

O problema não é que existam livros comerciais - sempre existiram e sempre existirão. O problema é que eles se tornaram praticamente a única opção disponível no mercado mainstream. Livrarias independentes fecham, editoras pequenas são engolidas por

conglomerados, crítica literária séria desaparece dos jornais. O espaço para literatura genuína está sendo sistematicamente eliminado.



Mas talvez o aspecto mais trágico seja que muitas pessoas nem percebem o que perderam. Acreditam sinceramente que estão lendo literatura de qualidade porque consomem dezenas de livros por ano. Não sabem que existem formas de narrativa que podem transformar completamente sua visão de mundo, expandir seu vocabulário, desafiar suas certezas, oferecer insights profundos sobre a experiência humana.

É como alguém que só come fast-food a vida inteira e não sabe que existe alta gastronomia. Não sente falta do que nunca experimentou. Mas quando finalmente prova comida de verdade, percebe que estava apenas sobrevivendo, não se alimentando.

A resistência a esse processo existe, mas é marginal. Editoras independentes continuam publicando literatura de qualidade, movimentos de "leitura lenta" ganham adeptos, alguns jovens redescobrem clássicos por conta própria. Críticos literários sérios mantêm espaços online para discussão genuína sobre livros. Professores resistem à pressão de usar apenas best-sellers em sala de aula.



Mas essa resistência precisa se tornar consciente e organizada. Precisamos reconhecer que a industrialização da literatura não é apenas uma questão de gosto pessoal - é uma questão de

saúde cultural. Quando perdemos a capacidade de ler textos complexos, perdemos também a capacidade de pensar de forma complexa sobre o mundo.

A solução não é elitismo literário ou nostalgia romântica pelos "bons tempos". É defender o direito de ter acesso a literatura genuína, de desenvolver capacidades críticas através da leitura, de experimentar o prazer único que vem do encontro com uma obra que nos desafia e transforma.

Isso significa apoiar editoras independentes, buscar ativamente livros fora do mainstream, desenvolver tolerância para narrativas que exigem mais de nós como leitores. Significa aceitar que nem toda leitura precisa ser "fácil" ou "relaxante", algumas das experiências mais valiosas da vida exigem esforço.

A próxima vez que estiver numa livraria, experimente ignorar as mesas de lançamentos e os displays promocionais. Vá até as seções menos movimentadas, procure editoras que você não conhece, autores que não estão nas listas de mais vendidos. Pegue um livro que pareça desafiador, que prometa te fazer pensar em vez de apenas te entreter.

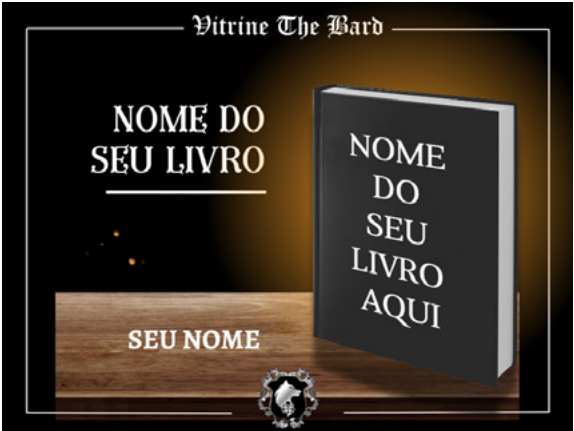
Pode ser difícil no começo. Seu cérebro, condicionado pela literatura fast-food, vai resistir. Mas persista. Porque do outro lado dessa dificuldade está o verdadeiro prazer da leitura, aquele que expande horizontes, que oferece insights genuínos, que nos torna pessoas mais complexas e interessantes.



A literatura de aeroporto pode ter sequestrado o mercado editorial, mas não precisa sequestrar sua mente. O prazer de ler ainda existe. Só está escondido atrás das pilhas de best-sellers descartáveis, esperando que você tenha coragem de procurá-lo.



VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



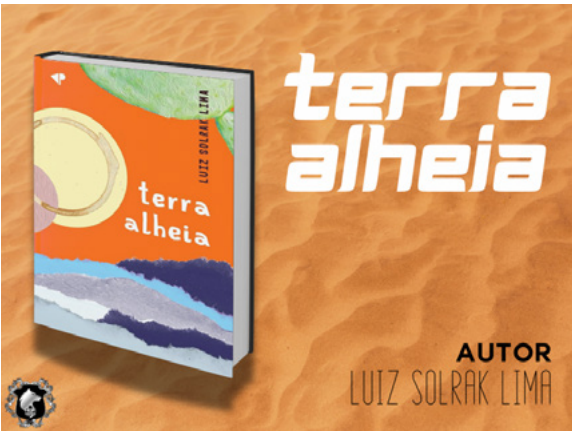
Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



A Cultura e suas Dimensões



O segredo da felicidade na adolescência



Invasão Japonesa na Coreia e sua retomada em K-Dramas Históricos



A ciência da gratidão



Linguagem simples: agilidade ou rebaixamento da comunicação?



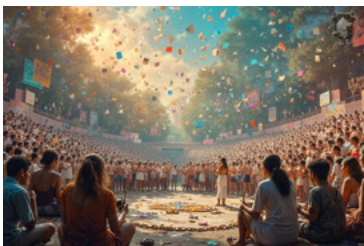
Vozes das Montanhas: Literatura Albanesa em Foco



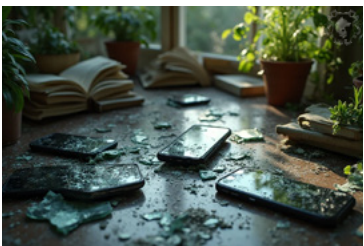
O Cristianismo e a Filosofia na Formação do Pensamento Científico e Filosófico Atual



Redenção Pela Leitura: Como Livros Mudam Destinos



Pluralidade de Ideias: Por que a cultura floresce no debate e não no consenso



A Cultura do Cancelamento e a Morte da Conversa Civilizada



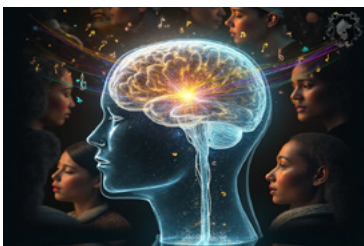
O Sentido da Vida: Grandes Filósofos Respondem à Pergunta Fundamental



Três Faces do Analfabetismo: Tradicional, Funcional e Digital no Brasil



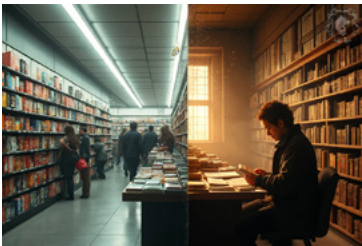
Linhas Cruzadas: O Miado do Dinheiro Quando a Realidade Supera a Ficção



Música como linguagem universal: O que a neurociência revela sobre a comunicação sonora



CONTO: O Café Passagem" - Capítulo 2: Reconhecimentos



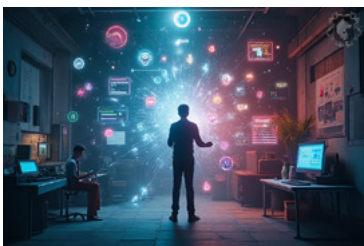
Literatura de Aeroporto: Mata o Prazer de Ler e Cria Geração de Falsos Leitores



Geração Instantânea: A Epidemia Silenciosa Que Está Destruindo Nossa Sanidade Mental



De Volta ao Essencial: O Papel Insusbtitível dos Pais na Formação dos Filhos



A Gamificação da Vida Cotidiana: Quando o Jogo Muda a Realidade



Seu Cérebro Está Viciado em Likes Estudos revelam que redes sociais alteram estrutura cerebral



O Cinema na Era do Streaming: O Fim das Telonas ou Uma Nova Evolução?



RESENHA: Moby Dick: A Obra-Prima Indomável de Herman Melville



A Transformação da Literatura: Entre Aprender e Entreter



Clarice Lispector: A Revolução Silenciosa da Linguagem



Filósofo de 2.400 Anos Atrás Já Sabia Como Seríamos Enganados pelas Redes Sociais

AGRADECIMENTOS



No dia 12 de Setembro de 2025, celebramos um sonho coletivo: o lançamento da 3ª edição do **Jornal The Bard News®** no Brasil e no mundo.

Em um mundo em constante transformação, acreditamos na potência da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento para construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões necessárias. The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, dedicado a todos que creem que o diálogo, a diversidade e a cultura são ferramentas insubstituíveis de transformação.

Hoje queremos agradecer de coração aberto a cada pessoa que tornou este projeto possível. À nossa equipe incansável, que dedicou talento, noites e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que emprestaram ao jornal as suas vozes e olhares únicos; àqueles que divulgaram, apoiaram, sugeriram, acreditaram. Agradecemos profundamente aos leitores, porque é para vocês que existimos e com vocês queremos construir cada página.

Reunindo temas como Arte, Literatura, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, desejamos oferecer mais que informação: queremos proporcionar experiências, descobertas e inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para questionar e propor.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso é com o acesso democrático ao conteúdo relevante nacional e internacional, guiados sempre pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando conosco, nosso sincero muito obrigado. O The Bard News é, acima de tudo, obra coletiva e, por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita desta história que está só começando.

A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

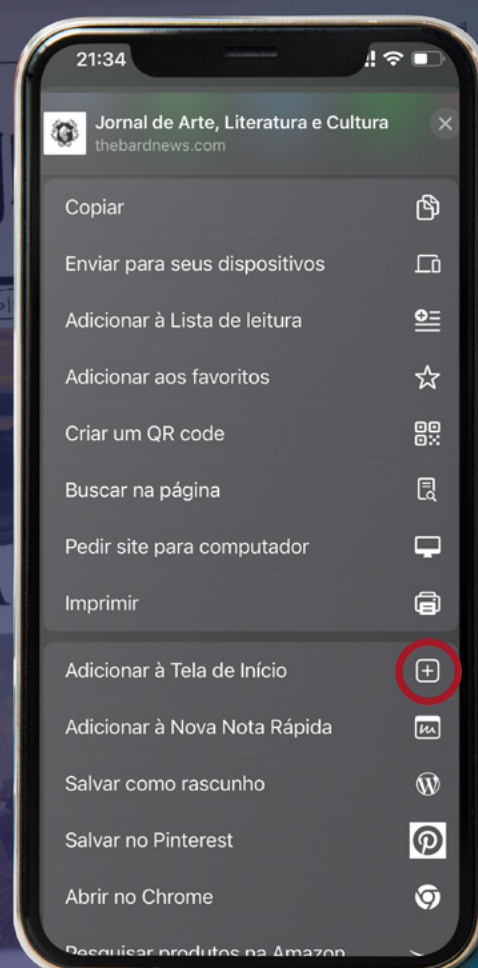


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

